

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECOLOGIA E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO
MESTRADO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO**

FRANCINE CONDE CABRAL

**Práticas informacionais em bibliotecas comunitárias: o discurso do sujeito
coletivo sobre desinformação e empoderamento**

Porto Alegre

2022

FRANCINE CONDE CABRAL

Práticas informacionais em bibliotecas comunitárias: o discurso do sujeito coletivo sobre desinformação e empoderamento

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de mestre em Ciência da Informação, no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PPGCIN), da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

Orientador: Prof^o. Dr^o. Rodrigo Silva Caxias de Sousa

Porto Alegre

2022

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Reitor: Prof. Dr. Carlos André Bulhões

Vice-Reitora: Profa. Dra. Patrícia Pranke

FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO

Diretora: Profa. Dra. Ana Maria de Moura

Vice-Diretora: Profa. Dra. Vera Regina Schmitz

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

Coordenador: Prof. Dr. Thiago Henrique Bragato Barros

Coordenador Substituto: Prof. Dr. Moises Rockembach

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Cabral, Francine Conde
Práticas informacionais em bibliotecas
comunitárias: o discurso do sujeito coletivo sobre
desinformação e empoderamento / Francine Conde Cabral.
-- 2022.
63 f.
Orientador: Rodrigo Silva Caxias de Sousa.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do
Rio Grande do Sul, Faculdade de Biblioteconomia e
Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Ciência da
Informação, Porto Alegre, BR-RS, 2022.

1. Bibliotecas comunitárias. 2. Desinformação. 3.
Empoderamento. 4. Discurso do Sujeito Coletivo. I.
Sousa, Rodrigo Silva Caxias de, orient. II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UFRGS com os
dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação (FABICO)

Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PPGCIN)

Rua Ramiro Barcelos, 2705 - Campus Saúde - Porto Alegre - RS - CEP 90035-00

Telefone: (51) 3308.5067 - E-mail: ppgcin@ufrgs.br

FRANCINE CONDE CABRAL

Práticas informacionais em bibliotecas comunitárias: o discurso do sujeito coletivo sobre desinformação e empoderamento

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de mestre em Ciência da Informação, no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PPGCIN), da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

Orientador: Prof^o. Dr^o. Rodrigo Silva Caxias de Sousa

Aprovado em 25 de agosto de 2022.

BANCA EXAMINADORA:

Prof^o Dr^o Rodrigo Silva Caxias de Sousa
Orientador - Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS

Prof^o Dr^o Carlos Wellington Soares Martins
Examinador titular - Universidade Federal do Maranhão - UFMA

Prof^o Dr^o Fabiano Couto Corrêa da Silva
Examinador titular - Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS

Prof^a Dr^a Evelin Mintegui
Examinadora titular - Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS

Prof^a Dr^a Marcia Heloisa Tavares de Figueredo Lima
Examinadora suplente - Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS

AGRADECIMENTOS

Durante a escrita desse trabalho imaginei que escrever os agradecimentos seria a etapa mais fácil. Agora, percebo que esta é a verdade: não há maneira justa de agradecer a cada pessoa que contribuiu para que esse momento chegasse. Quando falo dessa dissertação, estou falando de uma construção que me antecede. Sou fruto e continuidade da atuação vital de educadores sociais nas periferias. Ainda hoje, adulta, em minha trajetória não há um passo que não seja amparado e compartilhado com pessoas de luta. Posto isso, vamos aos agradecimentos.

À Ilha da Pintada, por me ensinar a beleza de ser quem se é. O clichê “a vida é diferente da ponte para cá” é atestado pelo nosso modo de ser & estar, que nos faz tão particulares e tão importantes.

Aos professores e professoras que cruzaram minha caminhada desde a infância até hoje, oportunizando-me compreender mais do que aspectos teóricos e práticos para construção de uma pesquisa. Isso porque o importante não é o literal, mas sim o que se depreende a partir de condutas. Meu carinho e respeito aos que me ensinaram com amorosidade e gentileza. Ao professor e amigo, Rodrigo Caxias, pelo incentivo e orientação.

Aos meus irmãos, minha mãe, meu pai e avós (*in memoriam*). Há uma música que diz que “lar é onde nosso coração está gravado, é onde você vai quando está sozinho” e me faz pensar que nossa cumplicidade é a certeza de que sempre terei um lar para retornar, independente da minha caminhada.

Gabriel Baum e Jéssica Muller, pelas cervejas, risadas e trocas quando tudo parecia prestes a implodir. Bruna Ferreira, por compartilhar uma trajetória de amizade e luta, diariamente me inspirando a (re)construir. Lays leggle, lado a lado, ressignificando, vivendo, descobrindo e aceitando todas as oportunidades que o universo nos apresenta.

Para terminar, a mais importante parte desse trabalho e da minha existência: Clarice, presente em cada linha dessa escrita. Não há no universo alguém que eu queira mais orgulhar do que a minha criança. Tão generosa, doce e espontânea. Tão curiosa, perspicaz e destemida. Tão Clarice. Meu lembrete constante de que não há contratempo que me faça desistir de mudar a realidade. Em meu trabalho de conclusão de curso, eu escrevi e aqui repito: com o peito cheio de amor e orgulho, só posso continuar te proporcionando uma educação libertária e afetiva, torcendo para

que no futuro, quando entenderes essa luta e o que ela representa para mim, consigas ter noção do quanto eu te amo. Parafrazeando Manuela D'Ávila, tu és quem faz brotar asas em minhas costas e raízes em meus pés, quem me faz ter medo do mundo e me dá mais coragem para lutar e transformá-lo. Obrigada por reescrever a minha história e protagonizá-la ao meu lado.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela concessão da bolsa de estudos durante o curso de mestrado através do edital Programa de Demanda Social, processo nº 88887.629167/2021-00.

RESUMO

Estudo que, a partir da Rede de Bibliotecas Comunitárias do Rio Grande do Sul, a Beabah, visa responder se existem práticas informacionais de combate à desinformação em bibliotecas comunitárias. Desse modo, o trabalho discute o empoderamento como um alicerce para compreender as práticas informacionais em bibliotecas comunitárias, a desinformação como um fenômeno político nocivo às comunidades e o caráter e a intencionalidade das bibliotecas comunitárias como um importante espaço de articulação entre comunidade e informação no combate à desinformação. Mapeia e caracteriza as práticas informacionais de combate à desinformação realizadas nas bibliotecas comunitárias da Beabah, sendo rodas de conversa, aulas públicas, debates, formações, treinamentos, mediações de leitura, sarau, tenda literária e compartilhamento de informações através de redes sociais. Além disso, a pesquisa analisa as percepções acerca da desinformação referidas por mediadoras de leitura, obtendo as ideias centrais “A informação é um direito humano”, “Críticidade para empoderar” e “Reconhecer suas potencialidades” relacionadas à compreensão da informação como elemento de empoderamento da comunidade e as ideias centrais “Intencionalidade política e ideológica” e “Desinformação na prática” relacionadas ao entendimento a respeito do que se constitui como desinformação. No que tange às razões para proposição de ações de combate à desinformação, apresenta as ideias centrais “Razão de ser” e “Subverter”. Intentando sobre a importância das bibliotecas comunitárias no combate à desinformação apresenta como ideias centrais “Fonte de informação” e “Referência”, além de “Implicações da desinformação” na vida da comunidade. Sobre a participação do Governo brasileiro no combate à desinformação, obtêm-se duas ideias centrais, sendo “Combativo” e “Responsabilização”. Conclui-se que esse é um fenômeno que demanda uma observação minuciosa por mais pesquisadoras e pesquisadores, sugerindo futuras pesquisas que ampliem o entendimento sobre bibliotecas comunitárias, desinformação e empoderamento.

Palavras-chave: Bibliotecas comunitárias. Desinformação. Empoderamento. Discurso do Sujeito Coletivo.

ABSTRACT

A study that, based on the Rede de Bibliotecas Comunitárias do Rio Grande do Sul, Beabah, aims to answer whether there are informational practices to combat misinformation and disinformation in community libraries. It discusses empowerment as a foundation to understand informational practices in community libraries, misinformation and disinformation as a political phenomena harmful to communities and community libraries, due to its character and intentionality, as an important space for articulation between community and information in the fight against disinformation. It maps and characterizes the informational practices to combat misinformation and disinformation carried out in Beabah's community libraries, being these conversation, public classes, debates, training, reading mediations, soiree, literary tent and sharing of information through social midias. It analyzes the perceptions about misinformation and desinformation mentioned by reading mediators, obtaining the central ideas "Information is a human right", "Criticality to empower" and "Recognise its potential" related to the understanding of information as an element of community empowerment and ideas "Political and ideological intentionality" and "Disinformation in practice" related to the understanding of what constitutes disinformation. Regarding the reasons for proposing actions to combat disinformation, it presents the central ideas "Reason for being" and "Subverting". Intent on the importance of community libraries in the fight against disinformation presents as central ideas "Source of information" and "Reference", as well as "Implications of disinformation" in the life of the community. Regarding the participation of the Brazilian Government in the fight against disinformation, two central ideas are obtained, being "Combat" and "Accountability". It is concluded that this is a phenomenon that requires close observation by more researchers, suggesting future research that expands the understanding of community libraries, disinformation and empowerment.

Keywords: Community libraries. Desinformation. Empowerment. Discourse of Collective Subject.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 PERSPECTIVAS CONCEITUAIS	14
2.1 TEORIA DO EMPODERAMENTO: ALICERCE PARA A DISCUSSÃO DE PRÁTICAS INFORMACIONAIS EM BIBLIOTECAS COMUNITÁRIAS	14
2.2 PRÁTICAS INFORMACIONAIS COMO UM VIÉS DO ESTUDO DE USUÁRIOS DA INFORMAÇÃO.....	17
2.3 DESINFORMAÇÃO: DA PERSPECTIVA HISTÓRICA AOS ASPECTOS CONCEITUAIS.....	20
2.4 BIBLIOTECAS COMUNITÁRIAS: CARACTERIZANDO E PROBLEMATIZANDO ASPECTOS.....	25
3 METODOLOGIA	32
4 ANÁLISE DE DADOS	36
4.1 QUAL SUA COMPREENSÃO ACERCA DA INFORMAÇÃO COMO ELEMENTO DE EMPODERAMENTO DA COMUNIDADE?.....	40
4.2 QUAL O SEU ENTENDIMENTO ACERCA DO QUE SE CONSTITUI COMO DESINFORMAÇÃO E SUAS VARIAÇÕES (<i>FAKE NEWS</i> , NEGACIONISMO, MENTIRAS, AUSÊNCIA DE INFORMAÇÕES, INFORMAÇÕES DISTORCIDAS)? ..	42
4.3 NA SUA PERCEPÇÃO, QUAIS AS IMPLICAÇÕES DA DESINFORMAÇÃO NA VIDA DA COMUNIDADE?	44
4.4 NA SUA PERCEPÇÃO, QUAL A IMPORTÂNCIA DE SE REALIZAREM AÇÕES DE COMBATE A DESINFORMAÇÃO A PARTIR DAS BIBLIOTECAS COMUNITÁRIAS?	44
4.5 PARA VOCÊ, QUAL (IS) A (S) RAZÕES QUE DETERMINAM A REALIZAÇÃO DE AÇÕES DE COMBATE À DESINFORMAÇÃO?	45
4.6 COMO VOCÊ INTERPRETA O PAPEL DO ATUAL GOVERNO BRASILEIRO EM RELAÇÃO AO COMBATE À DESINFORMAÇÃO?	48
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	50
6 REFERÊNCIA	53
APÊNDICE A - BIBLIOTECAS COMUNITÁRIAS QUE INTEGRAM A BEABAH.....	59
APÊNDICE B - INSTRUMENTO DE PESQUISA	63

1 INTRODUÇÃO

No Brasil, vem da organização da sociedade civil a tentativa de resgatar a esperança de uma parcela da população desacreditada e carente não somente de informação, mas de acesso aos direitos humanos. A exemplo disso, as bibliotecas comunitárias, presentes nos territórios marginalizados, organizam-se com intuito de atender à população pertencente a esses espaços, fomentando a leitura e o acesso à informação em diversos âmbitos. Em uma perspectiva libertária, as bibliotecas comunitárias são entendidas como espaços organizados para proporcionar acesso à informação, mas, principalmente, para combater as mazelas sociais que atingem com grande intensidade as periferias. Essas práticas, dissemelhante do que observamos em instituições assistencialistas, ocorrem de forma contínua e combativa.

As ações de acesso ao livro, leitura e literatura, como ferramenta empoderadora, podem ser observados em diversos países, a exemplo disso a Indonésia, onde há relatos de bibliotecas comunitárias em municípios rurais que são responsáveis pela alfabetização. Dessa forma, proporcionam acesso a direitos básicos e, até mesmo, estimulam o sentimento de pertencimento a uma comunidade. Para mais, Argentina, Uruguai e Paraguai são exemplos de países latinos onde também existem bibliotecas comunitárias e populares que realizam um trabalho social em periferias, o que pode ser elucidado de forma inquestionável no projeto “Bibliotecas de Fronteira¹”.

No que diz respeito ao Brasil, a Rede Nacional de Bibliotecas Comunitárias é um movimento que congrega diversas instituições mobilizadas em manter espaços de leitura. Especialmente no Sul, tem-se a Beabah! - Rede de Bibliotecas Comunitárias do Rio Grande do Sul- responsável por articular 15² bibliotecas comunitárias, estruturando, assim, grupos de trabalho com uma ampla frente de militância pelo livro, leitura, literatura e acesso à informação. A organização, em rede, possibilita o financiamento, o aperfeiçoamento e a ampliação de ações em comunidades, permitindo a descoberta de um universo de iniciativas biblioteconômicas e sociais distribuídas pelo Brasil. Nessas iniciativas, merece destaque o papel das mediadoras

¹ Encontro de bibliotecas comunitárias, populares e nacionais do Brasil, Argentina, Uruguai e Paraguai visando a troca de saberes e reflexões sobre as vivências.

² Informação relativa a março de 2022.

de leitura. São essas mulheres as responsáveis pelo planejamento e pela efetivação de ações estratégicas que ultrapassam a projeção ingênua de biblioteca como espaço de mero lazer, assumindo uma concepção distinta na qual as bibliotecas comunitárias se caracterizam como *loci* político de emancipação e empoderamento.

Ao compartilharmos de tal perspectiva, partimos da teoria Freireana do Empoderamento para defender que as bibliotecas comunitárias têm como ensejo que as comunidades realizem, de forma autônoma, as mudanças e as ações com a finalidade de evoluir e fortalecer (SCHIAVO; MOREIRA, 2005; VALOURA, 2011; CASTRILLÓN, 2015; FARIAS; COSTA, 2017; FREIRE, 2017; FREIRE, 2019; CASAGRANDE et al., 2018; BERTH, 2019; COSTA; FARIAS, 2020). Isso se deve ao fato de que a informação cumpre um papel edificador de processos emancipatórios, sendo esses individuais e coletivos.

Enfatizamos que em um contexto informacional marcado pela produção, compartilhamento e o uso de informações falsas, fundamentalmente com a intencionalidade política (ALLCOTT; GENTZKOW, 2017; DELMAZO; VALENTE, 2018; FURNIVAL; SANTOS, 2019; SILVA, 2020), a desinformação pode ser identificada em diversos sentidos, como a ausência de cultura ou de competência informacional, a manipulação de informações com caráter ideológico e a pretensão de enganar o outro (DEMO, 2000; RODRIGUES; SIMÃO; ANDRADE, 2003; CASTRO; RIBEIRO, 2004; FALLIS, 2010; PINHEIRO; BRITO, 2014; RECUERO; GRUZD, 2019; RIPOLL; MATOS, 2020).

Dessa forma, as práticas informacionais de combate à desinformação nas bibliotecas comunitárias tornaram-se um conjunto de ações políticas articuladas que incidem e são protagonizadas por diferentes indivíduos. A politização crescente, relacionada a diversas pautas sociais, exigiu que o combate à desinformação passasse a ser não apenas uma preocupação, mas um conjunto de proposições que se materializam em ações concretas na sociedade brasileira, motivadas pela indignação e pelo desejo de transformação social. Tal percepção contempla as práticas informacionais como um mecanismo de combate à desinformação que perpassa por todos os aspectos sociais da informação, desde produção, uso, apropriação, compartilhamento e até checagem de informações e desinformações, tendo a intenção de subverter uma lógica de poder dominante (BOURDIEU, 1983; CHRISTOVÃO; BRAGA, 1994; HENIE; PINHEIRO; LOPES, 2001; CAPURRO, 2003;

REBELO; STEMPLIUK, 2007; SAVOLAINEN, 2007; BERTI; ARAÚJO, 2017; ARAÚJO, 2012; SILVA; FREIRE, 2013; ARAÚJO, 2017; ARAÚJO, 2020).

Este projeto é, portanto, resultado de um olhar atento às ações desempenhadas pelo terceiro setor no Brasil³, especialmente, relativas ao discurso das mediadoras de leitura sobre as práticas das bibliotecas comunitárias no que diz respeito ao combate à desinformação. Destacamos, também, que ao longo do trabalho o uso do pronome feminino, uma opção política com o reflexo da biblioteconomia, uma área majoritariamente desenvolvida por mulheres que, ainda assim, permanecem sem o destaque quando se trata de ocupação em processos políticos (KRAMER; MARTINS, 2019).

Um destaque merece ser dado ao fato de que a presente pesquisa se respalda em pelo menos três aspectos. Primordialmente, de caráter pessoal, há de ser considerada a atuação profissional da autora nas bibliotecas comunitárias e, conseqüentemente, a aproximação com as temáticas emergentes na área. Ainda amparado em uma perspectiva pessoal, destacamos que a atenção voltada ao empoderamento é herança de discussões sobre feminismo e suas abordagens, principalmente, em relação ao feminismo negro, realizadas no trabalho de conclusão de curso defendido na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, intitulado “Desromantizando a maternidade: o compartilhamento de informações no canal HelMother” (CABRAL, 2019).

De ordem teórica e conceitual, no Brasil, a totalidade de registros é pouco expressiva no que tange aos estudos das bibliotecas comunitárias e de suas contribuições para a Ciência da Informação. Os resultados obtidos em pesquisas bibliográficas articulam parcialmente desinformação (MATHIESEN, 2015; IRVING, 2020; ESTRADA-CUZCANO; ALFARO-MENDIVES; SAAVEDRA-VÁSQUEZ, 2020; POTNIS; WINBERRY, 2021; OLIPHANT, 2021; HELLER, 2021), bibliotecas comunitárias e empoderamento (HERIYATI *et al*, 2020; HAYATI, 2020; MIA, 2020; CAHYANI; WICAKSONO, 2021; CAVALCANTE; FEITOSA, 2011; FREITAS; SANTANA; SANTOS, 2014; SUAIDEN, 2018; COSTA *et. al*, 2019; RODRIGUES *et. al*, 2019; RODRIGUES, 2019; COLONO; CAVALCANTE, 2020; BARBOSA, 2021; EÇA; PAULA, 2021), sendo inédita a perspectiva que adotamos por congregarmos todos

³ É o conjunto de iniciativas provenientes da sociedade, voltadas à produção de bens públicos, como, por exemplo, as ações para o combate à desinformação (FALCONER, 1999).

os elementos de forma não vista até então. Capurro (1992) corrobora ao apontar que é diminuta a literatura sobre a forma negativa da informação, como a desinformação. Coadunada a perspectiva mencionada, este estudo amplia o quadro de discussões e formas de compreensão sobre a biblioteca comunitária, práticas informacionais, desinformação e empoderamento.

Ademais, a pesquisa enquadra-se na perspectiva metodológica do sétimo movimento epistemológico da Ciência da Informação (ARAÚJO, 2018), sendo tal dimensão caracterizada por estudar fenômenos que observam a realidade, ou seja, por considerar o contexto sociocultural e a dimensão interacional dos indivíduos envolvidos nos processos. Esse entendimento corrobora a perspectiva de colaboração para o desenvolvimento da Ciência da Informação, em razão de que propõe a ampliação de uma área de estudo pouco desenvolvida relacionado a um fenômeno que está em evidência. Posto isso, destacamos o problema direcionador da nossa pesquisa: **existem práticas informacionais de combate à desinformação em bibliotecas comunitárias?**

Em virtude de tal indagação, objetivamos analisar as práticas informacionais que as mediadores de leitura⁴ atuantes em bibliotecas comunitárias desempenham no processo de combate à desinformação, o que nos leva aos seguintes objetivos específicos:

- a) analisar as percepções acerca da desinformação referidas por mediadoras de leitura atuantes em bibliotecas comunitárias da rede Beabah;
- b) elencar as razões referidas por mediadoras de leitura atuantes em bibliotecas comunitárias para a proposição de ações de combate à desinformação;
- c) mapear as práticas informacionais de combate à desinformação realizadas nas bibliotecas comunitárias da Beabah;
- d) caracterizar as práticas de combate à desinformação das bibliotecas comunitárias da Beabah;
- e) discutir a importância das bibliotecas comunitárias no combate à desinformação.

Considerando os aspectos expostos, trazemos, no capítulo seguinte, as perspectivas teórico-conceituais que embasam este projeto de pesquisa. São elas:

⁴ Usaremos mediadoras de leitura e interagentesinteragente em virtude de que essas pessoas possuem participação efetiva e protagonista nas bibliotecas, ultrapassando a perspectiva de usuários passivos das bibliotecas comunitárias (FERNANDEZ; ROSA; MACHADO, 2018).

Teoria do empoderamento: alicerce para a discussão de práticas informacionais em bibliotecas comunitárias, entrelaçando as proposições de Freire e Berth à Ciência da Informação; Práticas informacionais como um viés do estudo de usuários da informação, discutindo a abordagem das práticas informacionais presentes nesta pesquisa; Desinformação: das perspectiva histórica aos aspectos conceituais, apresentando o fenômeno e sua relação com a Ciência da Informação; e, por fim, Bibliotecas comunitárias: caracterizando e problematizando aspectos. Em seguida, na seção três, a metodologia do projeto de pesquisa é exposta. Na seção quatro, é apresentada a análise de dados do estudo realizado na rede de bibliotecas comunitárias do RS. No final, a seção cinco contém as considerações finais acerca da pesquisa.

2 PERSPECTIVAS CONCEITUAIS

Apresentamos, neste espaço, os aspectos históricos, teóricos e conceituais, visando discutir a temática estudada. Em diferentes níveis de profundidade, serão analisados aspectos que auxiliarão na compreensão deste trabalho, sendo esses estudos de usuário da informação; perspectiva histórica e aspectos conceituais da desinformação; práticas informacionais de combate à desinformação. Ainda que se trate de perspectivas distintas, a discussão mencionada tem pertinência em razão de que baliza a conjuntura informacional, política e social relacionada aos fenômenos de informação que se articulam nas bibliotecas comunitárias.

2.1 TEORIA DO EMPODERAMENTO: ALICERCE PARA A DISCUSSÃO DE PRÁTICAS INFORMACIONAIS EM BIBLIOTECAS COMUNITÁRIAS

Compreender as práticas informacionais de combate à desinformação realizadas em bibliotecas comunitárias à luz da Teoria do Empoderamento se constitui na proposta aqui manifestada uma vez que defendemos que as práticas informacionais se consagram como alternativa de redimensionamento das relações de poder. O empoderamento é entendido como uma construção libertária, tendo bibliotecas comunitárias e interagentes em uma ação coletiva para romper com mecanismo de opressão ao invés de reproduzi-los. Nesse cenário, coaduna-se com a perspectiva teórica que Paulo Freire e Joice Berth propõem acerca da Teoria do Empoderamento.

Ainda que o cerne de ambos pensadores seja o empoderamento comunitário, as perspectivas diferem-se no sentido da fundamentação. Freire e Berth concentram-se em um entendimento dialógico concentrados na educação e no feminismo, respectivamente. Enquanto o primeiro tem seus fundamentos teóricos centrados na educação, a autora prega a revisão e a progressão do que foi conduzido inicialmente por feministas negras acerca da autoafirmação, autovalorização, autorreconhecimento e autoconhecimento de si e dos seus como forma de enfrentar os sistemas de opressão (BERTH, 2019). O debate proposto não visa um confronto, mas sim levar à convergência de perspectivas que agregam ao entendimento da

socialização da informação como uma potencial forma de empoderamento comunitário.

Freire alicerça a teoria do empoderamento a partir da ideia de “libertação do oprimido”, presente no contexto da filosofia e da educação (VALOURA, 2011). No entendimento do autor, isso ocorre a partir da compreensão da binaridade opressor-oprimido, levando ao esclarecimento do indivíduo como agente passivo das decisões sociais e políticas que diziam respeito a sua vida e aos contextos no qual estava inserido (CASAGRANDE *et. al*, 2018). É uma descoberta crítica que não partirá do opressor se entender como sujeito e hospedeiro de um sistema de poder visto que a sombra do opressor é introjetada, que em certa medida são “[...] eles e ao mesmo tempo são o outro” (FREIRE, 2017).

Para Freire, o empoderamento implica conquista, avanço e superação por parte daquele que se empodera (sujeito ativo do processo de empoderamento). Pode-se compreender que não é uma simples doação ou transferência por benevolência, que transforma o sujeito em objeto passivo do processo de empoderamento. É um movimento que

implica, essencialmente, a obtenção de informações adequadas, um processo de reflexão e tomada de consciência quanto a sua condição atual, uma clara formulação das mudanças desejadas e da condição a ser construída. A estas variáveis, deve somar-se uma mudança de atitude que impulse a pessoa, grupo ou instituição para a ação prática, metódica e sistemática, no sentido dos objetivos e metas traçadas, abandonando-se a antiga postura meramente reativa ou receptiva (SCHIAVO; MOREIRA, 2005).

Libertar o oprimido, a partir de Freire, é a recuperação da humanidade roubada e negada pelos opressores através da injustiça, da exploração, da opressão e de violências pautadas na desinformação. Na medida em que se sustenta na discriminação e intolerância, violando direitos correspondentes, o dominador reafirma para o oprimido a subalternidade. É lutar pelo “trabalho livre, pela desalienação, pela afirmação dos homens como pessoas, como “seres para si” [...]” (FREIRE, 2019).

Outro aspecto que caracteriza a referência teórica de empoderamento, tendo a educação como perspectiva balizada em informações, concerne a Berth (2019). A autora, fundamentada no Feminismo negro, afirma que empoderar é “pensar em caminhos de reconstrução das bases sociopolíticas, rompendo concomitantemente com o que está posto, entendendo ser esta a formação de todas as vertentes opressoras que temos visto ao longo da História”. Nessa perspectiva intelectual, a

somos levados a pensar nas bibliotecas comunitárias visto que ocupam o espaço de referência informacional, educacional e cultural nas comunidades marginalizadas, promovendo o uso, o compartilhamento e a checagem da informação como recurso para mudança de perspectiva social. Castrillón (2015) elucida que a marginalização promove na população periférica a ideia de que educação e bens culturais não lhes pertencem, além disso, certifica que não são necessários para elas, pois são supérfluos e somente poucos têm direito a eles. Prioriza-se o substancial: o acesso à alimentação, à energia elétrica e à água. Logo, as bibliotecas comunitárias cumprem o papel de facilitar o processo de rompimento com a lógica pré-estabelecida visto que auxiliam em diminuir a distância da periferia com a informação.

Collins (2015) contribui com a perspectiva que “cada grupo identifica o tipo de opressão que se sente mais à vontade em atribuir como fundamental e classifica todos os outros tipos como menos importantes” e que, portanto, a empatia seria uma saída para alcançar essa mudança. As opressões, de acordo com a autora, “formam o pano de fundo estrutural contra o qual enquadraremos nossas relações – essas são as forças que nos encorajam a substituir o voyeurismo por relações completamente humanas”. É interessante destacar que, nas BCs, a identificação entre indivíduos ultrapassa essa relação exclusiva com o outro, mas se atrela à realidade coletiva. A conscientização sobre si em uma perspectiva individual e sobre os outros em uma perspectiva coletiva. A reflexão é constituída não *para* o oprimido, mas *com* o oprimido (FREIRE, 2017).

Para tal, o uso, o compartilhamento, a checagem e a socialização da informação são intrínsecos à **educação pelo empoderamento**: é a partir da apropriação da informação que surge o entendimento para compartilhar com a comunidade a informação qualificada. Isso demonstra a relevância do aspecto **comunitário** no conceito de empoderamento, pois é fundamentalmente o *nós por nós*⁵. Reforça Freire (2017, p. 39) que “[...] os homens, desafiados pela dramaticidade da hora atual, propõem-se a si mesmos como problema. Descobrem que pouco sabem de si, de seu “posto no cosmos” e se inquietam por saber mais”. Dessa forma, existe o estímulo para autonomia nas decisões além da conquista de espaço social, dando sentido a todas as suas escolhas. É uma movimentação fundamental para a construção intelectual e social, retirando a comunidade do papel de espectadora para

⁵ Sentença historicamente trazida por grupos marginalizados que sintetiza a perspectiva de ausência de olhar para as suas demandas.

uma questionadora, exercendo poder de influência na tomada de decisões pelo coletivo. O resultado é a colaboração mútua (COSTA; FARIAS, 2020; FARIAS; COSTA, 2017). Portanto, a consciência crítica sobre si e sobre o *nós* é um processo de empoderamento individual e coletivo, oriundo da tomada de consciência.

Defendemos que a efetivação de práticas informacionais, como elemento de educação por empoderamento, difere da simples construção de habilidades e competências, comumente associado à educação bancária, tanto pela sua ênfase nos grupos (mais do que indivíduos), quanto pelo seu foco na transformação cultural (mais do que na adaptação social) (VALOURA, 2011). Berth (2019, p. 17) afirma que diferentemente do que propuseram muitos teóricos

o conceito de empoderamento é instrumento de emancipação política e social e não se propõe a “viciar” ou criar relações paternalistas, assistencialistas ou de dependência entre indivíduos, tampouco traçar regras homogêneas de como cada um pode contribuir e atuar para as lutas dentro dos grupos minoritários.

Por fim, Berth (2019, p.14) sintetiza, em relação ao empoderamento, que

quando assumimos que estamos dando poder em verdade estamos falando na condução articulada de indivíduos e grupos por diversos estágios de autoafirmação, autovalorização, autorreconhecimento e autoconhecimento de si mesmo e de suas mais variadas habilidades humanas, de sua história, e principalmente de um entendimento quanto a sua posição social e política e, por sua vez, um estado psicológico perceptivo do que se passa ao seu redor.

A compreensão de sua posição social e política permite estimular a aceitação de sua ancestralidade e suas devidas características sejam culturais ou estéticas, promovendo que a criticidade seja por meio de um olhar de apreciação e afetividade com uma nova percepção. E, a partir de então, tornar a si mesmo como uma ferramenta de poderosa atuação no meio em que vive e em prol da coletividade.

2.2 PRÁTICAS INFORMACIONAIS COMO UM VIÉS DO ESTUDO DE USUÁRIOS DA INFORMAÇÃO

Este projeto tem como referência uma das abordagens dos estudos de usuários da informação, qual seja as práticas informacionais. Tal referência está articulada aos conceitos de *fake news* e desinformação.

De acordo com Araújo (2020), o conceito de práticas informacionais surge na literatura da Ciência da Informação entre as décadas de 1960 e 1970,

primordialmente, em estudos relacionados à Biblioteconomia e áreas afins. No entanto, é somente no novo milênio que Savolainen (2007) propõe que “práticas informacionais” sejam o termo guarda-chuva acurado para as discussões que versam acerca da maneira como as pessoas lidam com a informação. A alternativa crítica é inspirada, principalmente, nas ideias do construcionismo social.

Por sua vez, baseando-se no paradigma social da Ciência da Informação (CAPURRO, 2003), Berti e Araújo (2017) trazem a prática informacional como a busca pela informação relacionada ao contexto social e cultural, pautada na relação informacional influenciada pelas interações sociais, de modo que compreendem os usuários e a informação em espaços diferentes também independentes, porém recíprocos. A perspectiva, advinda do interacionismo possui a **interação** como um conceito chave, trazendo elementos emergentes na presente pesquisa, como a natureza social e coletiva do uso da informação; seu enraizamento num contexto concreto da experiência; o caráter ativo do usuário em sua relação com a informação; e, por fim, a natureza cognitiva, não só do processo de busca, mas também do uso da informação (ARAÚJO, 2012).

Compreendendo a socialização como uma prática informacional relevante na construção desse trabalho, destacamos na Ciência da Informação duas perspectivas para a socialização da informação (SILVA; FREIRE, 2013), sendo: 1) a socialização da informação como processo de disseminação de informação (HENIE; PINHEIRO; LOPES, 2001; REBELO; STEMPLIUK, 2007); e 2) um processo de parceria em relação à construção e tratamento informacional (CHRISTOVÃO; BRAGA, 1994), de tal forma que aqui podemos entender os emissores e receptores como as mediadoras de leitura e interagentes. Essa dinâmica relação nos permite a aproximação com a perspectiva Freireana, que considera experiências de vida, a linguagem, a historicidade do homem, a participação na construção e modificação da sociedade (SILVA; FREIRE, 2007).

Corroborando Araújo (2012) quando afirma que a interação é “ação recíproca”, ou seja, uma ação ou influência exercida por algo ser também afetada por esse mesmo algo. O interagente é, ao mesmo tempo, construtor desse coletivo (o coletivo é construído pelos indivíduos concretos que pertencem a ele) e também construído por ele. Destaca o autor que, apesar de social,

[...] isso não significa nem que ele seja totalmente determinado pelo coletivo, nem isolado deste: ele é ao mesmo tempo construtor desse coletivo (o coletivo é construído pelos sujeitos concretos que pertencem a ele) e também construído por ele. E, por fim, acessar e usar informação é tanto uma ação cognitiva quanto, também, uma ação emocional, cultural, contextual – o usuário não é apenas uma “mente cognitiva”, mas o é também (ARAÚJO, 2012, p. 150).

Nas bibliotecas comunitárias, em uma perspectiva que vai ao encontro de Christovão e Braga (1994), observamos a socialização da informação como uma prática de construção, tratamento e compartilhamento da informação em parceria, isto é, a partir da definição conjunta por parte de produtores e usuários.

Araújo (2017) ressalta que a evidente relação entre o individual e o social não é a única dimensão do movimento intelectual que marca tal perspectiva das práticas informacionais, pois é preciso um aprofundamento no processo de conhecimento efetivado pelo ser humano em relação ao real. Consolida-se, através do supracitado, Freire (2019) o qual entende a conscientização não como uma transferência de saberes, mas como uma escolha crítica de intervenção na realidade.

Piaget (1975 *apud* Araújo, 2017, p. 222) afirma que

o conhecimento não é simplesmente adquirido. Antes, ele é produto de uma relação dialética entre dois processos: a acomodação e a assimilação, isto é, o movimento pelo qual o mundo adentra e constitui o sujeito, ao mesmo tempo em que o sujeito também constitui o mundo, enquadrando-o e o recortando. [...] O sujeito age e interfere, na medida em que incorpora a sua experiência aos esquemas de interpretação já elaborados (assimilação), mas também quando modifica os seus esquemas para se aproximar melhor da realidade (acomodação).

Ao modificar os esquemas assimilados pelos diferentes indivíduos as intervenções que se dão a partir das práticas informacionais, exige reorganizações nas formas como os indivíduos percebem o mundo social. É diante dessas novas percepções, balizadas culturalmente e historicamente, que torna-se pertinente trazer a categoria *habitus*, de Bourdieu (1983, p. 65), enquanto

[...] um sistema de disposições duráveis e transponíveis que, integrando todas as experiências passadas, funciona a cada momento como uma matriz de percepções, de apreciações e de ações [...].

A concepção da realidade de cada indivíduo é o que o conduz em suas vivências. Ou seja, o conjunto de saberes e influências adquiridas, ao longo da existência, é determinante na formação cultural dos indivíduos. Logo, as práticas de

socialização da informação agem na reestruturação do *habitus* das mediadoras de leitura que propõem práticas informacionais de combate à desinformação em bibliotecas comunitárias. Compreende-se, então, que a criticidade voltada à realidade encoraja a mudança do que é construído e imposto socialmente.

2.3 DESINFORMAÇÃO: DA PERSPECTIVA HISTÓRICA AOS ASPECTOS CONCEITUAIS

A produção, o compartilhamento, o uso de informações falsas ou publicação de notícias com títulos sensacionalistas são situações recorrentes em diversos momentos históricos de impacto mundial (FURNIVAL; SANTOS, 2019; DELMAZO; VALENTE, 2018). Tendo como sinônimo *fake news* (RECUERO; GRUZD, 2019), a popularização da expressão “desinformação” surge concomitante à expressão “pós-verdade” definida pelo Oxford English Dictionary como um adjetivo que “[...] relaciona ou denota circunstâncias em que os fatos objetivos são menos influentes para moldar a opinião pública de que os apelos à emoção e crença pessoal” (BBC NEWS, 2016, tradução nossa).

No atual debate sobre a temática, autores (ALLCOTT; GENTZKOW, 2017) indicam a eleição presidencial norte-americana, em 2016, catalisadora da popularização mundial da “*fake news*”, uma vez que o pleito foi marcado por recursos de campanha ilícitos, o que demonstra, em sua origem, questões político-econômicas. A conjuntura reflete no Brasil através da ideologia bolsonarista, sustentada por narrativas, em que o regime de verdade contraria dados científicos, pautadas em discurso político de ódio, censura, autoritarismo, relação de poder e sustentações antidemocráticas (SILVA, 2020), sendo elementos decisivos na eleição de Bolsonaro nas eleições presidenciais de 2018.

Previamente é indispensável pontuar a distinção realizada entre os termos “*disinformation*” e “*misinformation*” provenientes da língua inglesa e não considerados na língua portuguesa. Para Fallis (2010), ambas remetem ao contexto da informação imprecisa/incorreta (*innacurate*) e enganosa/ilusória (*misleading*), o que as difere é a mentira. *Misinformation* corresponde a um erro não proposital (*honest mistake*), ou seja, a inverdade não é de conhecimento da fonte emissora. Tratando-se de *disinformation*, a falsidade da informação é parte do conhecimento do autor (*intended to deceive*). É justamente essa a forma mais difícil de identificação uma vez que o

autor cria mecanismos sofisticados para que ela não seja identificada como tal (RIPOLL; MATOS, 2020).

Em relação aos estudos sobre processos informacionais, cabe destacar que, no contexto brasileiro, há estudos sobre os fenômenos positivos da informação (PINHEIRO; BRITO, 2014), sendo esses pautados na perspectiva das necessidades informacionais e uma diminuta análise dos fenômenos negativos da informação, ou seja, informações que possuem mentiras, propagandas ou abertas à má interpretação. Principalmente, em relação ao Brasil, destacam-se a falta de aprofundamento no fenômeno local das *fake news* e a grande comparação com a realidade norte-americana. Todavia, o expressivo crescimento do debate tem trazido à tona uma recente preocupação com a veracidade e a confiabilidade das informações disseminadas na web as quais acabam formando opiniões e construindo pretensos conhecimentos baseados em informações falsas ou imprecisas (SINTRA, 2019).

Pinheiro e Brito (2014) apresentam três conjuntos de entendimentos sobre a desinformação sintetizados a partir de diversos autores. O primeiro diz respeito a **ausência de informações**, isto é, a desinformação significaria ausência de cultura ou de competência informacional, impossibilitando que o usuário localize por si mesmo a informação que necessita, não chegando, portanto, às suas próprias conclusões. Esse entendimento é predominante na Ciência da Informação brasileira, que associa a desinformação ao nível cognitivo do indivíduo e sua carga de conhecimentos gerais. Nesse sentido, a discussão é permeada pela dualidade indivíduos informados e indivíduos não informados, uma perspectiva sugestionada pelo debate da globalização e da informação. Castro e Ribeiro (2004, p. 46) corroboram a ideia de “excluídos do acesso a bens informacionais”, caracterizando-se como desinformados uma vez que

ao lado da sociedade da informação, figura uma outra de maior proporção que é a sociedade da desinformação, do analfabetismo tecnológico, dos excluídos do acesso aos diferentes bens culturais, cuja competência profissional está em situar-se entre ambas, procurando buscar a superação da segunda em relação à primeira, a fim de que num futuro próximo o hiato entre ambas deixe de existir.

Ripoll e Matos (2020) elaboram reflexões nesse mesmo sentido quando associam cibercultura e sociedade da informação à desinformação. Todavia não descartam a proposição de que, dentro da sociedade da informação, a guerra e a disputa pelo poder também assumem uma dimensão informacional.

Indo ao encontro do até então exposto, Pinheiro e Brito (2014) expõem a segunda abordagem que versa sobre **informação manipulada**. Essa perspectiva é relacionada a um projeto de dominação política e ideológica. Nesta concepção, setores da elite desinformariam amplamente de maneira a se perpetuarem no poder, concretizando mais facilmente seus próprios interesses. Demo (2000, p. 37) afirma que

o poder, como bem diria Foucault, se esgueira pelas beiradas, busca não ser percebido para influir tanto mais, procura a obediência do outro sem que este a perceba, inventa privilégio que a vítima pensa ser mérito, usa o melhor conhecimento para imbecilizar. Não seria diferente com a informação: desinformar pode ser seu projeto principal. Não se trata apenas de nos entupir com informação de tal forma que já não a saibamos manejar, mas sobretudo de usá-la para seu oposto, no sentido mais preciso de cultivo da ignorância.

Defronte a isso, Rodrigues, Simão e Andrade (2003, p. 89) apontam que a emergência da sociedade informacional tem como contrapartida a sociedade da desinformação. Para os autores, “uma sociedade perversa na qual os donos do poder são os donos dos meios de comunicação e as desigualdades são cada vez mais acentuadas”. A desinformação consistiria, nesse caso, na disponibilização de informações com baixo nível cultural que “não supririam o indivíduo com conhecimento necessário para participar do processo político e tomar as decisões necessárias ao progresso de sua própria vida e de seus semelhantes” (PINHEIRO; BRITO, 2014, p. 2).

A terceira e última perspectiva abordada pelas autoras versa acerca do **engano proposital** se conceitua na aspiração de enganar o outro é parte determinante do conceito. Nesse caso, é inerente ao fenômeno o anonimato do autor para a audiência que queira atingir, a despeito da forma como é realizado. Pinheiro e Brito (2014) reforçam a ausência de literatura brasileira que vai ao encontro desse entendimento, sendo predominante na produção científica norte-americana.

Os três aspectos necessitam ser investigados no contexto das bibliotecas comunitárias, principalmente, com intenção política. Esses aspectos ressaltam a urgência em agir nas bibliotecas comunitárias contra a desinformação visto que a amplitude das distintas formas de desinformação tem atingido comunidades sem acesso à informação e letramento digital. Entendemos também que a discussão é interseccionada por outros fenômenos informacionais, como a contrainformação, a

pós-verdade e, principalmente, questões ético-políticas. Nesse sentido, o estudo que aqui apresentamos propõe estabelecer reflexões acerca de como tais questões afetam o contexto das bibliotecas comunitárias no Brasil.

Merece destaque na literatura uma série de relatos de estudos recentemente propostos. Mathiesen (2015) explora a perspectiva de que na era da informação, acessar, disseminar e controlar informações é um aspecto cada vez mais importante da vida humana. Esses interesses são expressos na linguagem dos direitos humanos, por exemplo, direitos de expressão, privacidade e propriedade intelectual. Como a disciplina preocupada em facilitar a comunicação efetiva da informação desejada entre o gerador humano e o usuário humano, a biblioteca e a Ciência da Informação têm um papel central em facilitar a comunicação sobre os direitos humanos e em garantir o respeito a esses direitos nos serviços e nos sistemas de informação. A autora apresenta um levantamento da literatura na interseção de Biblioteconomia, Ciência da Informação e Direitos Humanos. Argumenta-se que os direitos de comunicação, em particular, servem como um eixo central no sistema de direitos humanos.

Irving (2020) considera a alfabetização informacional como uma área distinta de investigação e da instrução em bibliotecas. A influência das pedagogias críticas e feministas é fundamental para o desenvolvimento de abordagens bem como para a compreensão de um panorama da informação que é altamente politizado. A definição e a prática da alfabetização informacional são descritas como também seguidas por uma exploração de abordagens que ajudam a questionar o modo que o acesso e o controle da informação afetam os objetivos da alfabetização e o direito democrático das pessoas à informação. Compreende, portanto, que a alfabetização informacional se baseia em objetivos de justiça social, podendo ser fortalecida por meio da colaboração de bibliotecários com outros educadores de adultos profissionais de desenvolvimento comunitário, prestadores de serviços sociais e ativistas.

Estrada-Cuzcano, Alfaro-Mendives e Saavedra-Vásquez (2020), por intermédio da revisão documental, com base na abordagem qualitativa e interpretativa, relatam os principais termos utilizados atualmente na gestão da informação: desinformação, pós-verdade e notícias falsas. Termos que demonstram a relevância que as informações obtidas nas redes sociais adquiriram e que, conseqüentemente, geram um transtorno informativo. Isso é possível devido ao crescimento exponencial da informação em um ambiente sujeito ao desenvolvimento

das tecnologias de informação e comunicação (TIC), em que a veracidade dela é constantemente questionada, conseqüentemente, seu valor se perde e torna a escolha das informações verdadeiras e corretas cada vez mais difíceis. Os resultados permitem esclarecimentos conceituais, identificar relações de semelhanças, diferenças e justaposições existentes em cada um dos termos que surgiram neste contexto com alguns exemplos.

Potnis e Winberry (2021) realizam uma revisão da literatura que visa identificar práticas informacionais de indivíduos para diminuir sua vulnerabilidade à informação. A vulnerabilidade da informação se refere à falta de acesso a informações precisas, acessíveis, completas, relevantes e oportunas ou à incapacidade de usar tais dados, o que pode colocar os indivíduos, as comunidades ou a sociedade em desvantagem ou, até mesmo, prejudicá-los. Os autores também propõem um quadro que retrata a inter-relação entre sete práticas de informação e enredo tridimensional com acesso à informação, uso e ao valor como três eixos com a finalidade de mapear a manifestação e o resultado do alívio da vulnerabilidade da informação.

Oliphant (2021) traz que realidades emergentes, como a pandemia COVID-19, o ressurgimento de Black Lives Matter, catástrofe climática, notícias falsas, desinformação e assim por diante, desafiam os pesquisadores da informação a reconsiderar as limitações e o potencial do centrado no usuário uma vez que esses paradigmas têm guiado muitas pesquisas em bibliotecas e estudos da informação. É necessário se envolver com essas realidades emergentes, compreender quem são as pessoas em termos de suas identidades sociais e de poder social como agentes epistêmicos, isto é - conhecedores, falantes, ouvintes e informantes – para fornecer uma visão sobre as interações de informações humanas. Baseia-se no conceito de injustiça epistêmica considerar as pessoas como seres epistêmicos ao invés de "usuários" a fim de, potencialmente, iluminar novos entendimentos dos subcampos de comportamento informacional e alfabetização informacional. Além disso, foca nas pessoas como conhecedores, falantes, ouvintes e informantes ao contrário de "usuários". Dessa forma, apresenta-se uma oportunidade para pesquisadores de informação trabalharem a serviço dos interesses epistêmicos das pessoas como também alinharem os objetivos libertadores.

Heller (2021) discute a desinformação em bibliotecas universitárias, apontando as competências infocomunicacionais como possibilidade de educar usuários. Para mais, problematiza como os bibliotecários universitários entendem a sua relação com

a desinformação e o modo que eles buscam entender a maneira que as competências infocomunicacionais podem auxiliar no combate à desinformação. Utilizando métodos qualitativos, descritivos e exploratórios, a autora lista as ações que são promovidas pelos bibliotecários entrevistados, relacionando com as competências infocomunicacionais, no qual se pôde perceber que são habitualmente mais promovidas competências em informação do que em comunicação. Observa que, desta maneira, os entrevistados se preocupam com o fenômeno da desinformação e consideram como um ponto forte para a sua atuação profissional. Por outro lado, ainda não desenvolvem ações que eduquem para a informação, com viés autônomo ou político e promovem pouco as competências infocomunicacionais nos seus afazeres cotidianos, tratando-se de iniciativas de nível com maior enfoque instrumental.

2.4 BIBLIOTECAS COMUNITÁRIAS: CARACTERIZANDO E PROBLEMATIZANDO ASPECTOS

A importância em problematizar a biblioteca comunitária, como espaço político de combate à desinformação, consagra a temática com peculiaridades de proporções distintas em se tratando do Brasil. Isso se deve ao fato de que a desinformação passou a se constituir como forte ferramenta de manutenção social conduzida pelo governo, asseverando à periferia um lugar de subalternidade através do acesso à informação equivocada ou, ainda, privando do acesso à informação.

Para compreensão das práticas informacionais de combate à desinformação, é necessário entendermos diversas discussões que o atravessam. Abordaremos, inicialmente, aspectos relativos às bibliotecas comunitárias e sua intencionalidade, seguido do entendimento de que biblioteca comunitária se constitui em espaço de articulação entre comunidade e informação. Nesse sentido, é necessário destacar que, nas bibliotecas comunitárias, as ações são executadas por mediadoras de leitura com características, vivências e perfis distintos, dessa forma, essas individualidades atravessam as práticas informacionais efetivadas.

Posto isso, as bibliotecas comunitárias emergem onde há a ausência do Estado, assim incide parcialmente nas periferias sobretudo no que diz respeito à educação e cultura. Há demanda de recursos nos espaços culturais, informacionais e educacionais que atendam às comunidades distantes dos centros, no entanto, as bibliotecas públicas, designadas para atender toda a população, estão inseridas apenas nos centros distantes da periferia, reforçando o caráter elitista que privilegia o

atendimento dos habitantes dos centros (SUAIDEN, 1995; ALMEIDA JUNIOR, 1997, MILANESI, 1989). Por outro lado, vale ressaltar que essas instituições, territorialmente privilegiadas, enfrentam o sucateamento como um plano político de distanciamento entre a cultura, a informação e a população. Não surpreendentemente, observamos também que bibliotecas públicas e comunitárias atuam de forma parceira para efetivação de políticas públicas para o livro, a leitura e a literatura, ultrapassando a formalidade institucional e construindo vínculos afetivos e ideológicos na formação de leitores críticos.

Na percepção de Machado (2009, p. 88-89, grifo nosso) as bibliotecas comunitárias são caracterizadas e se diferenciam por

[...] a forma de constituição: são bibliotecas criadas efetivamente **pela** e não **para** a comunidade, como resultado de uma ação cultural; a perspectiva comum do grupo em torno do combate à exclusão informacional como forma de luta pela igualdade e justiça social; o processo participativo gerando articulação local e forte vínculo com a comunidade; a referência espacial: estão, em geral, localizadas em regiões periféricas; o fato de não serem instituições governamentais, ou com vinculação direta aos Municípios, Estados ou Federação.

Fernandez, Rosa e Machado (2018) reforçam a perspectiva de que as bibliotecas comunitárias surgem por três questões principais: o descaso dos governos em manter as bibliotecas públicas; as atitudes dominantes do mundo bibliotecário e das políticas públicas de cultura; por fim, o desejo das comunidades em ter um espaço para o conhecimento tão negado a elas. Nesse contexto, essas são iniciativas dos agentes internos e externos à comunidade.

Vale reforçar que os promotores, anteriormente citados, são os coletivos de jovens; grupos de pessoas do território e dos movimentos sociais; entidades privadas sem fins lucrativos constituídas em associações, em institutos e em fundações; grupos religiosos; finalmente, partidos políticos.

É intrínseco a eles o compromisso político e social para com o seu território. Parte-se da concepção de que suas ações sejam pautadas nas necessidades e demandas da comunidade, atentando para fatores socioculturais que estão presentes ali. As bibliotecas são construídas pelos desejos provenientes da própria comunidade, ocasionando um vínculo identitário entre aqueles indivíduos e a instituição, algo orgânico e visceral que permite que haja o sentimento de pertencimento em relação àquele espaço (BASTOS, ALMEIDA, ROMÃO, 2012). Alves (2020) sustenta a ideia de que o forte vínculo com a comunidade é fator de destaque nas bibliotecas

comunitárias visto que promove uma reciprocidade de ações na qual ambas as partes são beneficiadas. Ademais, para a sua própria manutenção, é necessária uma ampla habilidade de negociação e de articulação social com a comunidade - escolas, comerciantes, moradores, associações, igrejas.

Outra perspectiva, proposta por Jesus (2007, p. 2), define as bibliotecas comunitárias como

[...] instituições voltadas para disseminar informação e cultura em locais de carência econômica. Na chamada sociedade da informação, ainda existem pessoas desinformadas, não pela opção de não quererem fazer parte desse processo, mas porque se vêem privadas do direito de participação. Isso se deve ao fato de que a informação só está acessível a quem pode pagar por ela, pois a informação está contida em suportes informacionais como: Internet, livros, revistas, etc., cujo valor ultrapassa o poder aquisitivo de grande parcela da população.

A lacuna mencionada pelo autor se fundamenta no que compreendemos como uma ferramenta política com intencionalidade perversa às lógicas democráticas de acesso à informação. A privação do direito à informação e a segregação socioespacial são possíveis exemplos de mecanismos para concretização de um projeto político que visa boicotar frentes de combate à desigualdade, corroborando, então, para a manutenção dessas estruturas opressoras.

De acordo com Guedes (2011), esses ambientes físicos de compartilhamento, troca e fluxos de informação são vistos como instrumentos de democratização e inclusão informacional ao possibilitarem o amadurecimento das relações sociais dentro da comunidade como também proporcionarem o crescimento pessoal dos cidadãos por meio de práticas informacionais, como atividades de leitura. Sendo assim, vistos como práticas sociais (MACHADO, 2009), as bibliotecas comunitárias e os espaços públicos de informação são uma reação da própria comunidade no combate às desigualdades de acesso à informação, situação tão preocupante nos países em desenvolvimento.

Essas preocupações se ampliam em razão de que a circulação de desinformações na sociedade demandou a articulação de novas práticas sociais, tais como as práticas informacionais, que oportunizam potentes debates desencadeadores dos processos de emancipação, afinal, constituem-se enquanto ações coletivas e libertárias. Não coincidentemente, no Brasil, articula-se a Rede Nacional de Bibliotecas Comunitárias (RNBC) que conduz diversas frentes de trabalho e direciona a atuação das bibliotecas comunitárias em seus eixos. Esse movimento

desencadeou a construção de políticas públicas do livro, leitura e literatura. Na área da biblioteconomia; obteve a contribuição para metodologias de trabalho, a proposição de novas práticas de enraizamento comunitário, gestão compartilhada, comunicação, articulação e mobilização de recursos e tópicos primordiais na atuação social.

Na literatura, merece destaque uma série de estudos recentemente propostos. Heriyati *et al* (2020) defende o desenvolvimento nacional como o progresso do povo no país, tanto nas cidades quanto nas vilas. As bibliotecas têm o papel de instituições educativas não formais, agentes de mudança e agentes de desenvolvimento da comunidade, portanto os interagentes devem utilizar o espaço para encontrar informações e desenvolver ideias. Para mais, o estudo explora o papel ativo da biblioteca na vila em relação ao empoderamento da sociedade, pois contribuía no desenvolvimento da comunidade. O método de pesquisa utilizado foi observações de campo, sendo essa na biblioteca da vila de Tirtomoyo no distrito de Malang, East Java. Como resultado, observa valores e funções mais importantes da biblioteca, evidencia também o dever de administrar a informação e os recursos, por fim, fornece fontes de informação que podem apoiar atividades de aprendizagem ao longo da vida.

A Biblioteca Comunitária é uma instituição que proporciona vários tipos de materiais didáticos necessários à comunidade. Hayati (2020) apresenta os “Parques Comunitários de Leitura” como locais de organização para aprender e ler, bem como local de obtenção de informação para a comunidade. O Parque Rumah Asa além de divulgar informações desempenha um papel no empoderamento da comunidade e na construção de habilidades em diversos aspectos.

Mia (2020) realiza uma revisão literária em que aponta o papel das bibliotecas comunitárias rurais na minimização da pobreza de informação. Melhor dizendo, as potencialidades das bibliotecas comunitárias rurais, na promoção do desenvolvimento sustentável, são discutidas bem como a redução da pobreza de informação. O estudo constatou que a pobreza de informação é um obstáculo, enquanto a informação é a chave para alcançar o desenvolvimento sustentável. A pesquisa também revelou que a biblioteca comunitária não é apenas um espaço de poucas prateleiras de livros, mas também um centro das comunidades locais, particularmente, das comunidades rurais desfavorecidas. Nesse sentido, ao oferecer um recurso de informação continuamente mutável para a comunidade, elas capacitam indivíduos e comunidades para ajudá-los a alcançar seus objetivos.

Cahyani e Wicaksono (2021) discutem a importância das bibliotecas comunitárias rurais no aumento da alfabetização e na melhoria da qualidade de vida da comunidade por meio da realização de atividades de empoderamento. O estudo, realizado na Biblioteca Leshutama, visa determinar o papel da biblioteca no empoderamento do corpo social de Pakisaji Village, na Indonésia. O resultado aponta o desempenho do papel ativo no empoderamento da população em vários campos, como meio ambiente, habilidades comunitárias e alfabetização.

Cavalcante e Feitosa (2011) apresentam os resultados de uma pesquisa sobre o papel da biblioteca em comunidades a partir de metodologias e vivências locais em municípios cearenses. Para mais, os autores refletem sobre conceitos de bibliotecas comunitárias como espaços simbólicos de ações integradoras de saberes, sociabilidades e mediações informacionais e comunicacionais, além de apresentarem considerações sobre a importância da inovação social como requisito fundamental à compreensão do valor da informação para o desenvolvimento local.

Freitas, Santana e Santos (2014) investigam a Biblioteca Comunitária do Calabar em Salvador. Eles apresentam a construção histórica, a resistência do território e a importância da leitura para as pessoas como instrumento de transformação social, ademais, certifica que a implantação dessa biblioteca modificou a vida da comunidade. Na metodologia, utilizou as entrevistas e os depoimentos interagentes, além da visita a campo.

Suaiden (2018) explora a biblioteca pública como um espaço muito contestado desde o início do século 20. Inicialmente a crítica maior era centrada no modo em que essas bibliotecas, que mais pareciam depósito de livros, poderiam colaborar para o desenvolvimento da sociedade industrial e, posteriormente, pós-industrial. Com o advento da sociedade da informação, novos desafios surgiram, como as questões do impresso ao digital e a cobrança, cada vez maior, da formação de um público leitor. Desde o século passado, a crença era que o seu objetivo fundamental se encontra na validação da verdade, no entanto os interesses políticos, econômicos e ideológicos fomentam a crise da verdade. Recentemente a cobrança é sobre o desenvolvimento da desinformação, da manipulação e da *fake news*. O trabalho, baseado em metodologia etnográfica, em revisão da literatura e nos estudos comparativos, demonstra como pode ser esse novo modelo de biblioteca pública.

Costa *et al* (2019) aborda sobre a importância da biblioteca comunitária e o papel do bibliotecário como mediador cultural no contexto socioeconômico do Brasil.

Aponta a ineficiência das políticas públicas e propõe reflexões acerca do terceiro setor e dos projetos sociais como salutares para o processo de apropriação cultural. A metodologia empregada foi o levantamento bibliográfico e o estudo de caso da biblioteca do projeto Semeando Grãos de Mostarda. Expõe, no estudo de caso, a Biblioteca Cora Coralina como exemplo de viabilidade e sucesso da implementação de uma biblioteca comunitária e inclusão social.

Rodrigues *et al* (2019) relata a experiência na biblioteca escolar-comunitária em ONG na comunidade do Pavão-Pavãozinho. A ênfase dada a essa vivência é a de compartilhar a possibilidade de uma biblioteca contribuir para o empoderamento e autoestima de populações carentes, negras e desvalidas, ofertando um ambiente acolhedor, que lhes dá, através da leitura, o devido respeito.

Rodrigues (2019) propõe a reflexão sobre a importância da biblioteca e suas ações para a sociedade, evidenciando o potencial estratégico que ela pode intervir no desenvolvimento local, sendo uma ferramenta potencializada a corroborar o conhecimento e o fortalecimento do trabalho em conjunto, gerando maior viabilidade e resultados rápidos. Conclui-se que, mesmo com a falta de capital para obtenção de novas fontes de informação ou suporte sobre desenvolvimento local, a equipe analisada promove um atendimento adequado aos usuários que lutam por esta causa, tornando viável e muito relevante sua participação em conjunto com o auxílio do espaço e na divulgação das reuniões, ou seja, com a colaboração mútua, o acesso à informação é mais evidenciado para os grupos. Dessa forma, faz-se os resultados mais favoráveis à conquista de alguns direitos básicos e comuns, atendendo a necessidade de um local urbano.

Colono e Cavalcante (2020) apontam as bibliotecas comunitárias como uma reação da população periféricas ao acesso desigual à informação e um espaço importante para a democratização do conhecimento. Acredita-se que as bibliotecas alternativas podem colaborar com a luta feminista em busca de autonomia, empoderamento e combate ao machismo e à misoginia por meio da mediação da informação. O estudo exploratório-descritivo, que utiliza como método para coleta de dados a entrevista semiestruturada, foi realizado na Biblioteca Comunitária Abdias Nascimento em Londrina e buscou compreender a mediação da informação para mulheres no espaço. Como resultado, concluiu-se a inexistência de mediação que tenha como foco as mulheres, apesar do envolvimento com as questões raciais e femininas e a realização de eventos específicos para o público feminino.

Barbosa (2021) discute o fenômeno das bibliotecas comunitárias analisando o desempenho da Biblioteca Comunitária Zeferina Beiru. Caracteriza-se como uma ocupação que funciona da maneira em que uma Biblioteca Comunitária e Centro Cultural no bairro do Arenoso em Salvador. Os interlocutores possuem um discurso étnico-racial que aponta para a necessidade de uma representação de pessoas negras em um campo simbólico e físico ao mesmo tempo em que aponta para um processo de genocídio da população negra em curso. Como recurso metodológico, foram aplicadas entrevistas semiestruturadas de cunho qualitativo, análise de registros visuais, imersão no campo, descrição detalhada e observação participante por meio da análise da vivência do pesquisador junto ao coletivo. Também há o uso de registros fotográficos como ferramentas de análise e recurso narrativo. Por fim, a conclusão é que a insurgência da Biblioteca é fruto de um movimento identitário que ocorre no território desde os seus primeiros processos de desdobramento.

Em um relato de experiência, Eça e Paula (2021) apresentam uma ação de democratização da leitura em Taperoá – Bahia. Os resultados evidenciam a aprovação de bibliotecas comunitárias pela população. Sendo, portanto, as ações de democratização da leitura necessárias para contribuir como mecanismo político no combate às diferentes formas de injustiça. Esse processo ocorre por meio do acesso democrático e equitativo à informação, atuando como fonte de democratização do saber e gerando desenvolvimento cidadão a quem possa se utilizar deste espaço.

3 METODOLOGIA

O processo exploratório teve início em dezembro de 2020 em virtude do amplo debate que estava sendo realizado referente à “infodemia”, desinformação e a crise política no Brasil. A proximidade com as temáticas contribuiu para atentarmos aos fenômenos que vinham ocorrendo em espaços de informação, especialmente, as bibliotecas comunitárias. Em janeiro de 2021, definimos, então, que se trata de um estudo exploratório-descritivo de abordagem qualitativa (GIL, 2008) que analisa as práticas informacionais de combate à desinformação realizadas por mediadoras e mediadores de leitura.

Inicialmente, propusemo-nos a analisar a partir da perspectiva das bibliotecas, que compõem a Rede Nacional de Bibliotecas Comunitárias (RNBC), entendendo que tal organização civil se respalda no alcance e potência das ações realizadas. Todavia, após exame de qualificação e sugestão da banca avaliadora, decidimos por realizar a pesquisa em âmbito regional. Sendo assim, analisaremos a perspectiva da Beabah - Rede de Bibliotecas Comunitárias do Rio Grande do Sul, integrante da RNBC e sistematizadora de 16 bibliotecas (APÊNDICE A).

Para execução da pesquisa, utilizamos os seguintes procedimentos metodológicos: a) pesquisa bibliográfica e documental; b) levantamento de dados; c) técnica de Discurso do Sujeito Coletivo (DSC).

A utilização da pesquisa bibliográfica tem o intuito de conceituar as temáticas a serem tratadas além de fornecer subsídio para a composição relativa aos estudos precedentes e embasamento para a discussão teórica na análise de dados. Para tal, utilizaremos as fontes de informação elencadas a seguir: Base de Dados de Periódicos em Ciência da Informação (BRAPCI); Google Scholar; Scopus; Lume.

Entendemos que é imprescindível a busca por estudos até então realizados uma vez que tencionamos arrolar o panorama da produção científica acerca da temática e objeto de estudo. Por isso, no dia 12 de dezembro de 2021, no período da noite, realizamos a pesquisa na Scopus. A escolha pela base considerou a abrangência da mesma. A busca inicial (QUADRO 1) foi relacionada às práticas informacionais e desinformação em bibliotecas. Observamos que estudos precedentes relacionados correspondem a somente um artigo recuperado pertinente à pesquisa aqui apresentada devido seu enfoque ou campo de estudo.

Quadro 1 - Práticas informacionais e desinformação em bibliotecas

SCOPUS		
Expressão de busca	"information practices" AND "misinformation" AND "community library"	"information practices" AND "disinformation" AND "community library"
Recuperados	0	1
Pertinentes	0	1

Fonte: Elaborado pela autora.

A pesquisa realizada em seguida (QUADRO 2), a qual busca precedentes sobre a desinformação na área da Biblioteconomia, recuperou 125 artigos. Destes, somente seis contemplavam a pesquisa aqui apresentada devido seu enfoque ou campo de estudo.

Quadro 2 - Biblioteconomia e o combate à desinformação

SCOPUS		
Expressão de busca	TITLE-ABS-KEY ("library science" AND disinformation)	TITLE-ABS-KEY ("library science" AND misinformation)
Recuperados	37	88
Pertinentes	2	4

Fonte: Elaborado pela autora.

Os resultados obtidos intensificaram a perspectiva de que na Ciência da Informação não há um desvelo sobre o fenômeno da desinformação no que concerne às práticas informacionais de combate à desinformação e bibliotecas. Inclusive, destacamos a crescente de estudos somente a partir de 2020, relacionando-a com a pandemia da Covid-19.

No que diz respeito à pesquisa documental, no mês de julho de 2021, realizamos a consulta aos documentos da Rede Nacional de Bibliotecas Comunitárias, em que há a sistematização do contato das redes locais. Após a banca de qualificação e a decisão de analisar a rede do Rio Grande do Sul, em março de 2022, realizamos a consulta aos documentos do Regimento Interno e a Carta de Princípios da Beabah, documentos oficiais disponibilizados devido às aproximações prévias resultantes de

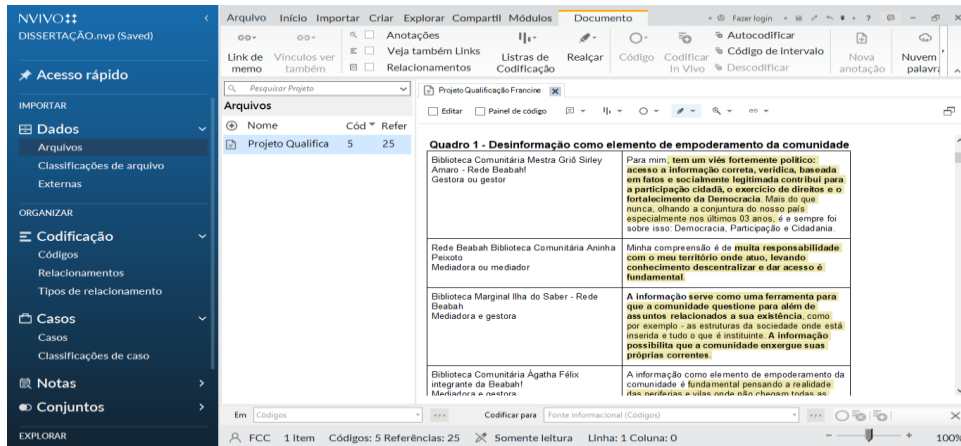
trabalhos e pesquisas. Da pesquisa, obtivemos os dados sobre cargos, grupos de trabalhos (GTs), bibliotecas vinculadas e organização interna da rede.

O instrumento piloto (questionário), utilizado para o exame de qualificação, foi reformulado a partir das sugestões da banca de qualificação de forma a atender às especificidades da rede local em relação aos cargos e GTs, além da inserção de questões para caracterização dos respondentes (APÊNDICE B). Após encaminharmos por e-mail o questionário disponibilizado na plataforma Google Forms (APÊNDICE B) para todas as bibliotecas e pessoas que desempenham funções vinculadas à Beabah. Foram considerados respondentes válidos quaisquer pessoas que se identificassem como mediador de leitura na biblioteca ainda que acumulassem outros cargos.

A técnica designada, o Discurso do Sujeito Coletivo (DSC), foi escolhida em virtude da possibilidade de obter depoimentos dos participantes da pesquisa. DSC, fundamentado na teoria da Representação Social, permite a síntese do pensamento da coletividade como se fosse o emissor do discurso, ou seja, uma proposta explícita de reconstituição de um ser ou entidade empírica coletiva, opinante na forma de um sujeito de discurso emitido na primeira pessoa do singular (LEFEVRE; CRESTANA; CORNETTA, 2003; LEFEVRE; LEFEVRE, 2003). A técnica consiste na análise das respostas coletadas em pesquisas, extraindo-se de cada uma as **Ideias Centrais** e as suas correspondentes **Expressões Chave**. De acordo com Lamante *et al* (2019), com as Ideias Centrais/Ancoragens e Expressões Chave semelhantes, compõem-se um ou vários discursos sínteses que são os Discursos do Sujeito Coletivo.

Para análise, os dados obtidos, no questionário, foram sistematizados em um documento de texto no software Word. Agrupamos as respostas em quadros, sendo cada um respectivo a uma pergunta. O software utilizado para apoiar a análise de dados foi o NVivo 11. A função não é a execução da análise de dados, mas a facilidade por um ambiente onde se torna possível “criar, gerenciar e explorar ideias e categorias, minimizando as rotinas de trabalho e maximizando a flexibilidade da análise, para descobrir novas ideias e desenvolvê-las” (SANTOS, 2001, p. 132). A dinâmica do software pode ser visualizada na Figura 1.

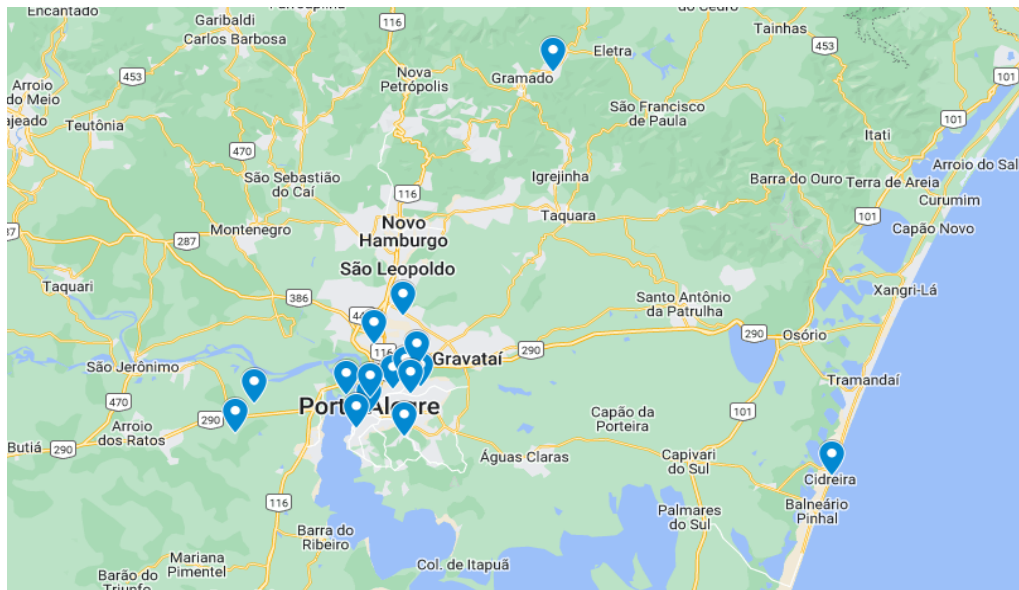
Figura 1 - Visualização do NVivo



Fonte: Elaborado pela autora.

Em relação a rede analisada, Beabah! - Rede de Bibliotecas Comunitárias do RS, possui representação em sete municípios do Estado gaúcho.

Figura 2 - Bibliotecas da Beabah



Fonte: Elaborado pela autora.

Na próxima seção, apresentamos os resultados da análise aplicada às 12 respostas obtidas no formulário.

4 ANÁLISE DE DADOS

Apresentamos, neste espaço de escrita, resultados obtidos a partir do instrumento de pesquisa enviado para a Beabah! Rede de Bibliotecas Comunitárias do Rio Grande do Sul. Obtivemos 12 respostas, sendo respondido por mediadoras e mediadores de leitura que em alguns casos atuam simultaneamente nas funções de gestora, articuladora e bibliotecária. Entre os respondentes, há representação dos GTs de Produção Cultural, Mobilização de Recursos, Biblioteconomia, Incidência em Políticas Públicas e Comunicação.

As respostas registradas indicam um grupo formado por homens cisgênero (8,3%) e, majoritariamente, por mulheres cisgêneras (91,7%). Em relação à orientação sexual, metade dos respondentes (50%) corresponde a pessoas heterossexuais, seguido de bissexuais (41,7%) e homossexuais (8,3%). A faixa etária preponderante indica pessoas entre 25 a 34 anos (33,3%), seguido por pessoas de 18 a 24 anos (25%), pessoas de 35 a 44 anos (25%), pessoas de 45 a 60 anos (8,3%) e pessoas acima de 60 anos (8,3%). Na autodeclaração sob a perspectiva de cor/etnia, há uma paridade entre pessoas que se identificam como brancas (50%) e pessoas que se identificam como negras (33,33%) e pardas (16,7%). Os dados demonstram a prevalência de indivíduos com ensino superior completo (33,3%), seguido de pós-graduação completa (25%), ensino superior incompleto (16,7%), ensino médio completo (16,7%) e pós-graduação incompleta (8,3%).

Se no estudo preliminar quatro bibliotecas afirmaram não terem desenvolvido ações de combate à desinformação nos últimos cinco anos. Há agora uma nova perspectiva: após a nova aplicação do instrumento de pesquisa, todas as bibliotecas relataram práticas de combate à desinformação. Em todas elas, cabe destacar a importância do trabalho colaborativo para a efetivação uma vez que a articulação com outras instituições da comunidade é vital em diversos aspectos: cessão de espaço físico para recepção do público, conexão entre profissionais disponíveis e biblioteca e divulgação para comunidade. Entre os respondentes, são citadas as ações abaixo:

a) Rodas de conversa, aulas públicas e debates se destacam entre as práticas relatadas. São eventos que reúnem comunidade, lideranças, profissionais e especialistas, que através do diálogo e exposição, esclarecem temáticas que impactam diretamente as vivências ali presentes.

Figura 3 - Aula pública em parceria com instituições da comunidade



Fonte: Redes sociais da biblioteca.

b) Formações e treinamentos, observamos dois vieses existentes. O primeiro relaciona a ações direcionadas para profissionais de outras instituições atuantes na comunidade, visando atender às demandas de outras organizações que auxilia a população. Enquanto o segundo são as oficinas realizadas diretamente com os interagentes.

Figura 4 - Oficina para interagentes



Fonte: Redes sociais da biblioteca.

c) Mediações de leitura se caracteriza como a prática fundamental das bibliotecas comunitárias, objetivando despertar a prática leitora. O livro é o principal recurso e protagonista para a vivência da história. Através da leitura escolhida, estabelece sentido com a realidade dos interagentes.

Figura 5 - Mediação de leitura



Fonte: Redes sociais da Rede.

d) Sarau é a ação que se concretiza em um encontro entre comunidade e biblioteca para expressão artística e literária a partir da qual interagentes e mediadoras de leitura dialogam sobre narrativas, vivências e experiências.

Figura 6 - Sarau



Fonte: Redes sociais da biblioteca.

e) Tenda literária é a ação de descentralização do livro, leitura e literatura. O acervo é deslocado para espaços públicos, ampliando as possibilidades de acesso e participação da comunidade nas mediações de leitura e nos serviços de empréstimo.

Figura 7 - Tenda literária



Fonte: Redes sociais da biblioteca.

f) Compartilhamento de informações através de redes sociais. As bibliotecas utilizam seu espaço virtual para compartilhar informações com a comunidade. Enquanto rede, destaca-se a #ColunaBeabah, que consiste em uma publicação quinzenal em que o GT de Incidência em Políticas Públicas compartilha informações que estão em voga.

Figura 8 - Coluna Beabah



Fonte: Redes sociais da Rede.

Essas ações foram desenvolvidas a partir de diversas práticas e metodologias. De acordo com o referido pelos respondentes, o cotidiano é essencial para efetivação do combate à desinformação: durante uma mediação de leitura, uma indicação de uma obra que despertará a criticidade, uma conversa informal, umas ações culturais e educacionais. É preciso estar atento ao que está ocorrendo na comunidade para enfrentamento efetivo e afetivo, contestando a desinformação socializada na comunidade por lideranças. Percorrendo vielas em busca de pessoas que ainda não conhecem a biblioteca e inseri-las nas práticas da biblioteca. Usar redes sociais não somente instruindo sobre uso de fontes e checagem de informação, mas fomentando o espaço virtual de diálogo e esclarecimento.

Nas subseções a seguir, vamos explorar a compreensão e percepção relacionados à (des)informação e empoderamento.

4.1 QUAL SUA COMPREENSÃO ACERCA DA INFORMAÇÃO COMO ELEMENTO DE EMPODERAMENTO DA COMUNIDADE?

Os discursos relacionados à compreensão acerca da informação, como elemento de empoderamento da comunidade, desvelam três ideias centrais que podemos observar os discursos do sujeito coletivo mais significativos.

Quadro 3 - DSC sobre a informação como elemento de empoderamento

A informação é um direito humano	Dentro de uma perspectiva de Antônio Candido, quando traz que a leitura é um direito humano, percebo que entra no mesmo campo acerca da informação. A informação deve ser um direito e ter espaços como uma biblioteca comunitária que auxilia no empoderamento, pois ajuda a ampliar o conhecimento e combater a desinformação.
Criticidade para empoderar	A informação hoje pode ser obtida através de diversos meios, sendo assim, só ela não é fator determinante para empoderamento da comunidade, mas sim o trato com a informação, a abordagem, a transformação da informação em conhecimento, que sim, vai empoderando e gerando uma visão crítica do cotidiano. O empoderamento, em comunidades periféricas, é algo muito importante, pois depois de alguns anos de trabalho realizado na biblioteca, junto com a comunidade, houve um grande avanço, pois reconhecem que existe um espaço democrático com acervo de qualidade.
Reconhecer suas potencialidades	Pessoas sem informação tendem a tomar decisões baseadas em opiniões populares e em <i>fake news</i> sem qualquer embasamento. Portanto o acesso à informação e o desenvolvimento do senso crítico são ferramentas fundamentais para se entender como seres sociais e,

	<p>assim, poder atuar como cidadãos completos. A partir dela, o cidadão pode compreender a realidade a sua volta e ter segurança para tomar decisões e contribuir com as mudanças necessárias para melhorar sua vida e de sua comunidade. Uma comunidade deve conhecer seu presente e seu passado para que tenha um futuro melhor, pois quando conhece sua história, suas potências, seus direitos e seu território, compreende as situações sociais e políticas, pode buscar uma melhor versão de si, vivendo dignamente, desenvolvendo seu potencial inato e adquirido, isento da subalternização e trabalhando pelo bem-estar de todos.</p>
--	--

Fonte: Elaborado pela autora.

Os discursos fortalecem a proposição metodológica das bibliotecas comunitárias visto que sua atuação é solidificada na perspectiva de atender às demandas dos seus iguais: mediadoras de leitura e interagentes não somente se conhecem e reconhecem como também possuem laços afetivos e de proximidade (FERNANDEZ; MACHADO; ROSA, 2019). A ligação surge não meramente pela necessidade de uso da biblioteca comunitária, mas por um vínculo visceral: o identitário, o de reconhecimento do outro enquanto um indivíduo, cujas mazelas sociais são compartilhadas, apesar das particularidades. Tal vínculo, aliado ao processo de empoderamento das mediadoras de leitura, engendra a responsabilização ética sobre socializar e promover o mesmo empoderamento nos demais indivíduos da comunidade.

Freire (2018) aborda sobre a ética nas relações humanas sob a forma de respeito com o outro. Toda a eticidade da existência humana se dá no reconhecimento da alteridade, da dignidade de pessoa e da luta por justiça social. O respeito ao engajamento, na luta para efetiva transformação, é a capacidade de atuar, operar, de transformar a realidade de acordo com finalidades propostas pelo homem, a qual está associada sua capacidade de refletir, que o faz um ser das práxis. A realização de ações de combate à desinformação no território, onde estão as bibliotecas, perpassa, então, um entendimento ético de responsabilidade em socializar.

Os discursos relacionam os problemas fundamentados em questões históricas que distanciam do acesso à informação e à falta de autonomia para participar ativamente da sociedade, exigindo seus direitos e ocupando espaços. A informação seria, então, um elemento esclarecedor. Podemos depreender que, a partir da relação entre o livro e a leitura, conforme Freire (2021), a compreensão crítica do ato de ler não se esgota na decodificação da palavra escrita ou da linguagem escrita, mas se

antecipa e se alonga na inteligência do mundo. Assim sendo, o uso do livro, da leitura e de outras ações de cunho educacional, entendidos aqui como elementos essenciais para acessar à informação, não se limitam ao que é dado. Petit (2009, p. 16) argumenta que

compreendemos que por meio da leitura, mesmo esporádica, podem estar mais preparados para resistir aos processos de marginalização. Compreendemos que ela os ajuda a se construir, a imaginar outras possibilidades, a sonhar. A encontrar um sentido. A encontrar mobilidade no tabuleiro social. A encontrar a distância que dá sentido ao humor. E a pensar, nesses tempos em que o pensamento se faz raro.

Nessa perspectiva, Freire (2021) corrobora que a leitura do seu mundo foi sempre fundamental para a compreensão da importância do ato de ler, de escrever ou de reescrevê-lo, e transformá-lo através de uma prática consciente. Essa perspectiva vai ao encontro das práticas informacionais em bibliotecas comunitárias uma vez que as ações de cunho educacional, tradicionalmente realizadas, desempenham um papel semelhante ao da leitura no sentido de promover o acesso à informação qualificada, esclarecedora e catalisadora da busca por mudança social.

4.2 QUAL O SEU ENTENDIMENTO ACERCA DO QUE SE CONSTITUI COMO DESINFORMAÇÃO E SUAS VARIAÇÕES (*FAKE NEWS*, NEGACIONISMO, MENTIRAS, AUSÊNCIA DE INFORMAÇÕES, INFORMAÇÕES DISTORCIDAS)?

Os discursos relacionados ao entendimento acerca do que se constitui como desinformação e suas variações desvelam duas ideias centrais onde podemos observar os discursos do sujeito coletivo mais significativos.

Quadro 4 - DSC sobre o entendimento do que se constitui como desinformação

Intencionalidade política e ideológica	A meu ver, a desinformação pode vir de encontro ao contexto sociocultural e pode estar associada também a ideologias, visando reforçar um pensamento único ou de prejudicar alguém ou uma instituição, confundir e influenciar, ludibriar a sociedade. Principalmente em relação à política, no contexto atual, pode estar atrelada ao maucaratismo, sendo tal prática um projeto estratégico político, proposital, como forma de atender interesses da elite fascista e sua manutenção em quadros de poder, ou seja, a desinformação e suas variações estão relacionadas à dominação, ao poder, à manipulação das massas e também fazem parte do grande projeto que é o Brasil. É parte da
--	---

	desigualdade. Penso que, atualmente, a desinformação se tornou um tema de alta complexidade e se relaciona com a defesa da democracia e seu fortalecimento.
Desinformação na prática	Compreendo desinformação como manchetes sensacionalistas, notícias sem nenhum embasamento investigativo da informação, disseminação de informações inverídicas, negacionista, mentirosa e distorcida. É também a ausência de informação, um problema social que diz respeito à falta de acesso e falta de guia sobre como acessar. Também, se não acompanhamos o processo de crescimento tecnológico com o de consciência crítica e política, vemo-nos sujeitos a manipulação e a desinformação.

Fonte: Elaborado pela autora.

Os discursos obtidos transitam entre planos práticos e teóricos. Todavia ambos ressaltam o entendimento de que a desinformação possui caráter político, visando beneficiar um grupo de pessoas e lesar outro, principalmente, minorias sociais. A relação com a desqualificação e o desfavorecimento de determinados grupos sociais reforça a compreensão do uso da desinformação como uma das ferramentas de uma política de morte, segregação e violência.

No plano teórico, pauta-se, essencialmente, a intencionalidade política e a ideologia do discurso, demonstrando o entendimento do uso da desinformação como ferramenta política para manutenção do poder, algo prejudicial às comunidades. A recorrente relação com o governo também demonstra a associação do fenômeno ao bolsonarismo. A Beabah que, exibe uma compreensão similar a Silva (2020), anuncia como uma ideologia pautada em discurso de ódio, em crueldade, em medo e em relações de poder.

No plano prático, o discurso expõe características da materialização da desinformação, sendo mais do que meramente notícias falsas ou distorcidas, mas muitas vezes travestidas de forma a tornar tolerável uma violência. O discurso sugere que o amplo acesso a recursos tecnológicos, como celulares e computadores, sem o devido discernimento, é um possível responsável pela perpetuação da desinformação. De tal forma, preconiza que a criticidade é o fator determinante para o não assujeitamento das comunidades à desinformação.

4.3 NA SUA PERCEPÇÃO, QUAIS AS IMPLICAÇÕES DA DESINFORMAÇÃO NA VIDA DA COMUNIDADE?

Os discursos relacionados à percepção sobre as implicações da desinformação na vida da comunidade desvelam uma ideia central. Podemos observar os discursos do sujeito coletivo mais significativos.

Quadro 5 - DSC sobre as implicações da desinformação

Implicações da desinformação	A mais grave é gerar atitudes de negacionismo, gerando consequências negativas a nível individual e com alto impacto coletivo. Impossibilita o conhecimento do que é verdade e trazem efeitos devastadores, como vulnerabilidade, visão de mundo reduzida, falta de criticidade e de entendimento social, falsa percepção sobre os serviços públicos, descontentamento sem conhecimento, voto com base em achismos e inverdades, ameaça à democracia, subjugação, manipulação, alienação, dominação, confusão, intimidação e desconfiança.
------------------------------	--

Fonte: Elaborado pela autora.

O discurso sobre a implicação da desinformação na comunidade relata o impacto negativo na vivência das pessoas, abrangendo uma perspectiva individual e coletiva. O que é relatado não foge do que se espera ao usar a desinformação: manipulação, enganação e distorção da realidade (FALLIS, 2015; BENKLER; FARIS; ROBERTS, 201). É reforçado também o entendimento do caráter político do uso da desinformação ainda que seja notório os debates emergentes durante a pandemia de Covid-19, pois atravessam a percepção sobre as implicações sobretudo o negacionismo. É interessante observar a relação feita, que sugere até mesmo a saúde coletiva, é suscetível a manipulações quando se trata de uma intencionalidade política.

4.4 NA SUA PERCEPÇÃO, QUAL A IMPORTÂNCIA DE SE REALIZAREM AÇÕES DE COMBATE A DESINFORMAÇÃO A PARTIR DAS BIBLIOTECAS COMUNITÁRIAS?

Os discursos abaixo referidos abordam acerca da importância das ações de combate à desinformação tendo como entendimento ideias centrais: fonte e referência bem como bibliotecas e mediadoras de leitura na comunidade onde estão inseridos.

Quadro 6 - DSC sobre a importância de ações de combate a desinformação

Fonte de informação	A biblioteca comunitária é a porta de entrada da comunidade para o acesso à informação de qualidade e comprometida com a verdade, mais do que um simples espaço de leitura. É importante que possamos assumir esse papel de ser um local de referência para que as pessoas acessem informação com segurança, educando para prevenção de disseminação das informações não confiáveis.
Referência	A importância da biblioteca comunitária se dá, por sua própria natureza, na possibilidade do encontro interpessoal, na conversa olho no olho, na potencialização do debate. Sem conversas e trocas, não há ação efetiva de combate à desinformação. Além de todos os recursos, ter um espaço onde um mediador te acolhe se torna bem relevante para a troca de informações e a formação de cidadãos críticos. É um espaço importante para que a comunidade saiba onde buscar a informação e o poder da mesma, sendo um ambiente seguro e favorável a debates e conversas. As bibliotecas comunitárias representam os holofotes que iluminam às pessoas conduzindo-as ao pleno conhecimento de fatos desconhecidos, as verdades sobre as histórias, propositalmente, contadas de forma errada e da razão exata de nossa existência e condição de vida.

Fonte: Elaborado pela autora.

O discurso advindo da coletividade permite inferir que as bibliotecas comunitárias são referências nas comunidades em que atuam pois se relacionam à informação. O principal apontamento denota a descentralização da circulação da informação, que, apesar da propensão a autonomia e empoderamento através das diversificadas fontes de informação em redes sociais, tornaram-se ferramentas políticas de desinformação e manipulação de indivíduos sem a mínima competência informacional (GOULART; MUÑOZ, 2020; BEZERRA; SCHNEIDER; SALDANHA, 2013). No discurso obtido, a ideia central se refere à importância da representatividade dos espaços de informação nos territórios: onde inexistente a atuação do Estado uma vez que a organização comunitária é quem ordena o acesso.

4.5 PARA VOCÊ, QUAL (IS) A (S) RAZÕES QUE DETERMINAM A REALIZAÇÃO DE AÇÕES DE COMBATE À DESINFORMAÇÃO?

Os discursos sobre as razões determinantes para a realização de ações de combate a desinformação são apresentados a partir de duas ideias centrais onde podemos observar os discursos do sujeito coletivo mais significativos.

Quadro 7 - DSC sobre razões para ações de combate à desinformação

Razão de ser	Combater a desinformação, que marcam essa era da "pós-verdade", é uma demanda grande de nosso tempo e precisamos nos posicionar, enquanto bibliotecas comunitárias, frente a isso. As instituições que prestam o serviço de informar e de educar, como as bibliotecas, devem fomentar o combate. Para mim este é o papel destas instituições e a razão para promover estas ações. Os mediadores são pessoas empenhadas em trazerem verdade às pessoas, especialmente às que têm maior dificuldade de acesso à informação
Subverter	O principal está em manter-se conectado com a conjuntura política e social do momento. Principalmente no contexto político atual, com severos ataques à ciência, incentivo à desinformação, ameaça aos direitos sociais adquiridos, fomento à uma onda de violência ultraconservadora. Parece que estamos nadando contra a maré, que está fugindo do nosso controle. Então, poder criar ações de combate à desinformação é perceber que podemos "abrir os olhos", "abrir a mente" de nossas comunidades. É um combate à ignorância.

Fonte: Elaborado pela autora.

Ambas se relacionam aos fundamentos da biblioteca comunitária, porém em perspectivas diferentes. Enquanto a subversão versa sobre insubordinação a um sistema que facilita e promove o uso de *fake news* para conduzir uma política segregadora. A Razão de existir diz respeito ao entendimento das bibliotecas comunitárias como um espaço incompatível com a desinformação, visto sua natureza social e, como citado posteriormente, a eticidade presente na relação da biblioteca com a comunidade.

Contrariando o plano político e governamental que nega o acesso à informação ou, ainda, reforça que informações falsas sejam tidas como verdadeiras, esse discurso permite inferir que as mediadoras de leitura encorajam a busca por fontes de informação adequadas. O processo reflete não somente as ações de combate à

desinformação, mas de embate a um governo que pauta ações que se balizam em desinformação, genocídio e violência. Tal perspectiva vai ao encontro de Machado (2009) que aponta a ausência do Estado nos territórios periféricos onde incidem bibliotecas comunitárias, sendo essa percebida como um “poder subversivo de um coletivo, uma forma de resistência contra-hegemônica, de quase enfrentamento social, numa nova realidade, que escapa das medidas e das categorias descritivas existentes [...]” (MACHADO,2009, p. 51). É, de fato, uma iniciativa insubordinada à proposta política do Estado tendo em vista que nas bibliotecas comunitárias a periferia é o centro.

A segunda ideia central obtida, razão de existir, relaciona-se também com os fundamentos da biblioteca comunitária. O discurso aponta que a existência da biblioteca se traduz em motivação para realizar ações de combate à desinformação. A eticidade, existente também na compreensão acerca da informação como elemento de empoderamento da comunidade, é intrínseca à biblioteca comunitária. O discurso reforça também a participação das mediadoras de leitura nesse processo, que exige o surgimento de ações que suscitam críticas e, conseqüentemente, empoderamento.

4.6 COMO VOCÊ INTERPRETA O PAPEL DO ATUAL GOVERNO BRASILEIRO EM RELAÇÃO AO COMBATE À DESINFORMAÇÃO?

Os discursos que expõem a interpretação sobre o papel do governo Bolsonaro (2018-2022) no combate à desinformação desvelam duas ideias centrais onde podemos observar os discursos do sujeito coletivo mais significativos.

Quadro 8 - DSC sobre o papel do Governo no combate a desinformação

Combativo	Em tese, o papel do Governo deveria ser ativo, no sentido de empreender políticas públicas em parceria com as organizações da sociedade civil, escolas e universidades para combater à desinformação. Por exemplo, programas de formação sobre o assunto de base comunitária. Também poderia incentivar campanhas de conscientização, fornecendo recursos materiais e pessoais para que bibliotecas e outras instituições possam desenvolver este trabalho. Porém, é de extrema necessidade que o governo se posicione e crie ferramentas que controlem a disseminação das <i>fake news</i> .
Responsabilização	O governo Bolsonaro estimula o uso de <i>fake news</i> , pois, inclusive, favorece a eleição de

	<p>muitos governantes. Não há combate, é um peso na porta. O Governo e seu grupo político atuam como um dos principais propagadores de desinformação, todos os dias atrapalhando e desinformando os cidadãos, em especial, aqueles que não tem conhecimento de como identificar notícias falsas. Certamente, é a sociedade civil organizada - onde nos inserimos enquanto bibliotecas comunitárias - a maior e mais potente frente de resistência à desinformação.</p>
--	--

Fonte: Elaborado pela autora.

O discurso sugere estratégias, como educação, cultura e articulações, entre o governo e organizações da sociedade civil, como bibliotecas comunitárias, visando maior criticidade. Nesse sentido, podemos observar novamente a compreensão da biblioteca como um espaço social e político (FERNANDEZ; MACHADO; ROSA, 2019), uma iniciativa da sociedade civil voltada para a melhoria da comunidade de forma a preencher a ausência do Estado. Isso porque, apesar de reconhecer a responsabilidade do governo em relação à circulação de desinformação na sociedade contemporânea, o discurso enfatiza o descrédito relacionado ao governo no que tange ações efetivas contra o uso de *fake news*, evidenciando que o combate à desinformação partindo do governo é utópico.

A ideia da responsabilização, por sua vez, indica explicitamente a participação do governo nas práticas de produção, uso e compartilhamento de desinformação no Brasil. Concernente ao entendimento de Pinheiro e Brito (2014) sobre a manipulação de informações, o discurso ressalta a desinformação como um projeto de dominação política e ideológica, expressando o entendimento de que o governo Bolsonaro (2018-2022) é alicerçado e usuário de *fake news* como ferramenta política de dominação e, novamente, evidenciando o comprometimento das bibliotecas comunitárias com o combate à desinformação.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse estudo, de caráter exploratório-descritivo e abordagem qualitativa (GIL, 2008), tivemos como problema direcionador a existência de práticas informacionais de combate à desinformação em bibliotecas comunitárias vinculadas à Rede de Bibliotecas Comunitárias do Rio Grande do Sul, a Beabah. A partir da indagação, objetivamos analisar as práticas informacionais que os mediadores de leitura atuantes em bibliotecas comunitárias desempenham no processo de combate à desinformação, levando-nos aos seguintes objetivos específicos: analisar as percepções acerca da desinformação referidas por mediadoras de leitura atuantes em bibliotecas comunitárias da rede Beabah; elencar as razões referidas por mediadoras de leitura atuantes em bibliotecas comunitárias para a proposição de ações de combate à desinformação; mapear as práticas informacionais de combate à desinformação realizadas nas bibliotecas comunitárias da Beabah; caracterizar as práticas de combate à desinformação das bibliotecas comunitárias da Beabah; e, por fim, discutir a importância das bibliotecas comunitárias no combate à desinformação.

Para efetivação da pesquisa, utilizamos como procedimentos metodológicos a pesquisa bibliográfica e documental, o levantamento de dados e a técnica de Discurso do Sujeito Coletivo (DSC). DSC foi escolhida na busca pela possibilidade de sintetizar o pensamento da coletividade (mediadoras de leitura) como se fosse esse o emissor do discurso (Beabah). O instrumento de pesquisa, organizado no Google Forms, foi respondido por 12 das 16 bibliotecas pertencentes à Beabah. O quadro 10 condensa as aproximações conceituais possíveis a partir dos DSCs e as relações com nossos objetivos específicos.

Quadro 9 – Aproximações conceituais

Objetivo	Questão do instrumento	Aproximações
analisar as percepções acerca da desinformação referidas por mediadoras de leitura	Qual sua compreensão acerca da informação como elemento de empoderamento da comunidade? Qual o seu entendimento acerca do que se constitui como desinformação e suas variações (<i>fake news</i> , negacionismo, mentiras,	Ética nas relações humanas; Leitura de mundo; Discurso de ódio; (FERNANDEZ; MACHADO; ROSA, 2019; FREIRE, 2018; FREIRE, 2021; PETIT, 2008; SILVA, 2020)

	ausência de informações, informações distorcidas)?	
elencar as razões referidas para a proposição de ações de combate à desinformação	Para você, qual(is) a(s) razões que determinam a realização de ações de combate à desinformação?	
mapear e caracterizar as práticas informacionais de combate à desinformação	Elenque as ações de combate à desinformação desenvolvidas na rede e/ou biblioteca onde você atua. Considerando as funções que você desempenha, como foram desenvolvidas as ações de combate a desinformação na rede e/ou na biblioteca onde você atua.	Rodas de conversa, aulas públicas e debates; Formações e treinamentos; Mediações de leitura; Sarau; Tenda literária; Compartilhamento de informações através de redes sociais.
discutir a importância das bibliotecas comunitárias no combate à desinformação	Na sua percepção, quais as implicações da desinformação na vida da comunidade? Na sua percepção, qual a importância de se realizarem ações de combate a desinformação a partir das bibliotecas comunitárias? Como você interpreta o papel do atual Governo brasileiro em relação ao combate à desinformação?	Descentralização da informação; Competência informacional; Biblioteca como espaço político; Desinformação como plano político e ideológico (BEZERRA; SCHNEIDER; SALDANHA, 2013; FERNANDEZ; MACHADO; ROSA, 2019; GOULART; MUÑOZ, 2020; PINHEIRO; BRITO, 2014)

Fonte: Elaborado pela autora.

Próximo ao fim desse trabalho, consideramos essencial o registro que essa pesquisa foi realizada durante um evento histórico mundial. A pandemia de Covid-19 ocasionou uma crise sanitária, econômica, política e, principalmente, social. Se nosso processo exploratório partiu de inquietações sobre o uso de desinformação, não podemos deixar de considerar que os discursos aqui apresentados também são atravessados por incômodos. Não à toa, antes mesmo de nosso instrumento de pesquisa, indagar sobre o governo, pois as respostas já indicavam o caráter indissociável entre política, governo e a desinformação.

Também é importante relatar que nossa vivência nas bibliotecas comunitárias aqui apresentadas, uma percepção não advinda da análise dos dados, permite depreendermos que elementos do campo conceitual não necessariamente perpassam as práticas informacionais de combate à desinformação desenvolvidas da Beabah. Diversas práticas são efetivadas e relatadas, instrumentalmente, desconectadas do seu caráter político indissociável. Compreendendo o caráter da

atuação em bibliotecas comunitárias, é recomendado que enquanto movimento em rede seja assumido que as práticas informacionais refletem a mesma perspectiva ideológica e política.

Enquanto área de estudo, acreditamos que a Ciência da Informação precisa atentar ao que emerge trazendo um viés social e político. Aqui, pudemos desvelar como as práticas informacionais de combate à desinformação, em bibliotecas comunitárias, caracterizam-se como elemento de estímulo ao empoderamento de populações historicamente rejeitadas e apagadas da história. Ainda que consideremos a limitação regional da pesquisa, podemos concluir que sim, existem práticas informacionais em bibliotecas comunitárias. Esse é um fenômeno que demanda uma observação minuciosa por mais pesquisadoras e pesquisadores, levando-nos a sugerir futuras pesquisas que ampliem o entendimento sobre bibliotecas comunitárias, desinformação e empoderamento.

6 REFERÊNCIAS

ALLCOTT, H.; GENTZKOW, M. Social media and fake news in the 2016 election. **Journal of Economic Perspectives**, Pittsburgh, v. 31, n. 2, p. 211-236, 2017.

ALMEIDA JÚNIOR, O. F. **Bibliotecas públicas e bibliotecas alternativas**. Londrina: Editora da UEL, 1997.

ALVES, M. S. Biblioteca comunitária: conceitos, relevância cultural e política. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 16, p. 1-29, 2020.

ARAÚJO, C. A. A. Movimentos epistemológicos da ciência da informação. **Códices**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 1, p. 61-78, 2018.

ARAÚJO, C. A. A. O que são práticas informacionais? **Inf. Pauta**, Fortaleza, v. 2, n. esp., 2017.

ARAÚJO, C. A. A. Os estudos em práticas informacionais no âmbito da ciência da informação. In: ALVES, E. C. *et al.* (org.) **Práticas informacionais: reflexões teóricas e experiências de pesquisa**. João Pessoa: Editora UFPB, 2020.

ARAÚJO, C. A. A. Paradigma social nos estudos de usuários da informação: abordagem interacionista. **Inf. & Soc.:Est.**, João Pessoa, v. 22, n. 1, p. 145-159, 2012.

ARAÚJO, E. V. F.; VILAÇA, M. L. C. Letramento digital e letramento crítico: repensando perspectivas para o ensino de línguas nas escolas. In: XXII CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA, 22., 2018, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2018.

BARBOSA, L. L. **Agora é nós por nós! a insurgência da Biblioteca Comunitária Zeferina Beiru**. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2021.

BASTOS, G. G.; ALMEIDA, M. A.; ROMÃO, L. M. S. Bibliotecas comunitárias: mapeando conceitos e analisando discursos. **Informação & Sociedade**, João Pessoa, v. 21, n. 3, 2012.

BBC News. **'Post-truth' declared word of the year by Oxford Dictionaries**. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/uk-37995600>. Acesso em: 21 jan. 2022.

BENKLER, Y.; FARIS, R.; ROBERTS, H. **Network Propaganda: Manipulation, disinformation, and radicalization in American politics**. New York: Oxford University Press, 2018

BERTH, J. **Empoderamento**. São Paulo: Pólen, 2019.

BERTI, I. C. L. W.; ARAÚJO, C. A. Á. Estudos de usuários e práticas informacionais: do que estamos falando? **Inf. Inf.**, Londrina, v. 22, n. 2, p. 389-401, 2017.

BEZERRA, A. C. Ascensão e queda da utopia tecnoliberal: a dialética da liberdade sociotécnica. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 14., 2013, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: ANCIB, 2013.

BOURDIEU, P. Esboço de uma teoria da prática. In: Ortiz, R. (org.). **Bourdieu**. São Paulo: Ática, 1983.

BUSCHMAN, John. On democracy and libraries. **The Library Quarterly**, College Park, v. 88, n. 1, p. 23-40, 2018.

CAHYANI, T.; WICAKSONO, M. F. The role of rural library in community empowerment (Ieshutama library case study). **Library Philosophy and Practice**, Lincoln, v. 1, n. 14., 2021.

CAPURRO, Rafael. Epistemologia e Ciência da Informação. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 5., 2003, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: ANCIB, 2003.

CAPURRO, R. What is information science for? A philosophical reflection. In: VAKKARI, P.; CRONIN, B. (org.). **Conceptions of library and information science: historical, empirical and theoretical perspectives**. London: Taylor Graham, 1992.

CASAGRANDE, J. L. *et al.* Empoderamento no programa “Mulheres sim” do IFSC. **Revista Pensamento Contemporâneo em Administração**, Niterói, v. 12, n. 3, p. 30-50, 2018.

CASTRILLÓN, S. Prefácio. In: FERNANDEZ, C.; MACHADO, E.; ROSA, E. **O Brasil que lê: bibliotecas comunitárias e resistência cultural na formação de leitores**. Olinda: CCLF; Brasil: RNBC, 2018.

CASTRO, C. A.; RIBEIRO, M. S. P. As contradições da sociedade da informação e a formação do bibliotecário. **Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Campinas, v. 1, n. 2, 2004.

CAVALCANTE, L. E.; FEITOSA, L. T. Bibliotecas comunitárias: mediações, sociabilidades e cidadania. **Liinc Em Revista, Rio de Janeiro**, v. 7, n. 1, 2011.

CHRISTOVÃO, H. T.; BRAGA, G. M. Ciência da Informação e Sociologia do Conhecimento científico: a intertemacidade plural. **Transinformação**, Campinas, v. 9, n. 3, p. 33-45, set./dez. 1997.

COLLINS, P. H. Em direção a uma nova visão: raça, classe e gênero como categorias de análise e conexão. In: MORENO, R. (org.). **Reflexões e práticas de transformação feminista**. São Paulo: SOF, 2015, p. 13-96.

COLONO, B. A.; CAVALCANTE, L. F. B. Mediação da informação para mulheres: um estudo sobre a biblioteca comunitária Abdias Nascimento em Londrina/PR. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 16, 2020.

COSTA, D. A.; FARIAS, M. G. G. Apropriação da informação, empoderamento e protagonismo social: análise da obra Quarto de Despejo. **Revista Ibero-americana de Ciência da Informação**, Brasília, v. 14, n. 1, p. 45-69, 2020.

COSTA, M. R.; MOURA, E. M. B. Biblioteca comunitária e o impacto no desenvolvimento sociocultural do país: estudo de caso da Biblioteca Cora Coralina do projeto Semeando Grãos de Mostarda. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDANTES DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO, CIÊNCIA E GESTÃO DA INFORMAÇÃO, 41., 2018, Rio de Janeiro. **Anais...** Niterói: ENEBD, 2019.

DELMAZO, C.; VALENTE, J. C. L. Fake news nas redes sociais online: propagação e reações à desinformação em busca de cliques. **Media & Jornalismo**, Lisboa, v. 18, n. 32, p. 155-169, 2018.

DEMO, P. Ambivalências da sociedade da informação. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 29, n. 2, 2000.

EÇA, J. L. M.; PAULA, M. C. Gelaterácia: uma experiência de democratização da leitura a partir de bibliotecas comunitárias. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, Florianópolis, v. 26, n. 2, 2021.

ESTRADA-CUZCANO, A.; ALFARO-MENDIVES, K.; SAAVEDRA-VÁSQUEZ, V. Disinformation y misinformation, posverdad y fake news: precisiones conceptuales, diferencias, similitudes y yuxtaposiciones. **Información, cultura y sociedad: revista del Instituto de Investigaciones Bibliotecológicas**, Buenos Aires, n. 42, p. 93-106, 2020.

FALCONER, A. P. **A promessa do terceiro setor**: um estudo sobre a construção do papel das organizações sem fins lucrativos e do seu campo de gestão. 1999. Dissertação (Mestrado em Administração de Recursos Humanos) - Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1999.

FALLIS, D. A conceptual analysis of disinformation. *In*: ICONFERENCE, 4., 2009, Chapel Hill. **Proceedings...** Illinois: Ideals, 2010.

FALLIS, D. What Is disinformation?. **Library Trends**, v. 63, n. 3, p. 401-426, 2015.

FARIAS, M. G. G.; COSTA, D. A. Empoderamento e protagonismo social no setor de referência de bibliotecas universitárias. **Encontros Bibli**, Florianópolis, v. 22, n. 50, p. 1-14, 2017.

FERNANDEZ, C.; MACHADO, E.; ROSA, E. **O Brasil que lê**: bibliotecas comunitárias e resistência cultural na formação de leitores. Olinda: CCLF, Brasil : RNBC, 2019.

FREIRE, P. **Dicionário Paulo Freire**. São Paulo: Autêntica, 2018.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2019.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017.

FREITAS, C. I. A. ; SANTANA, C. A.; SANTOS, I. M. S. Biblioteca comunitária do Calabar: uma nova forma de viver e estar em comunidade. *In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE ARQUITETURA, TECNOLOGIA E PROJETO*, 1., 2014, Goiânia. **Anais...** Goiânia: UEG, 2014.

FURNIVAL, A. C. M.; SANTOS, T. Desinformação e as fake news: apontamentos sobre seu surgimento, detecção e formas de combate. **Conexão**, Caxias do Sul, v. 18, n. 36, p. 94-101, 2019.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 2008.

GOULART, A. H.; MUÑOZ, I. K. Desinformação e pós-verdade no contexto da pandemia da covid-19: um estudo das práticas informacionais no facebook. **Liinc em revista**, Rio de Janeiro, v. 16, 2020.

GUEDES, R. M. Bibliotecas comunitárias e espaços públicos de informação. *In: MOURA, M. A. Cultura informacional e liderança comunitária: concepções e práticas*. Belo Horizonte: UFMG, 2011.

HAYATI, N. the role of community library Rumah Asa in empowerment of communities in Karangkajen Yogyakarta. **Jurnal Pendidikan Luar Sekolah**, Padang, v. 8, n. 1, 2020.

HELLER, B. **Competências infocomunicacionais**: ações em bibliotecas universitárias do Rio Grande do Sul para combater a desinformação. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2021.

HENIE, S.; PINHEIRO, M. R.; LOPES, C. Informações geocientíficas: uma contribuição para o desenvolvimento sócio-econômico. **Informação & Informação**, Londrina, v. 6, n. 1, p. 25-30, jan./jun. 2001.

Heriyati, P. Village library for sustainable community empowerment program case: Village library at Tirtomoyo Village Pakis, Malang District, East Java. **IOP Conference Series: Earth and Environmental Science**, [s.l.], v. 729, 2020.

IRVING, C. J. Critical information literacy: adult learning and community perspectives. **European journal for Research on the Education and Learning of Adults**, Linkoping, v. 11, n. 1, p. 65-76, 2020.

JESUS, M. Implantação de bibliotecas comunitárias nos municípios do Estado da Bahia. *In: ENCONTRO NACIONAL DE ENSINO E PESQUISA EM INFORMAÇÃO*, 7., 2007, Salvador. **Anais...** Salvador: CINFOM, 2007.

KRAMER, L.; MARTINS, C. W. S. Uma profissão feminina, mas não feminista? Representatividade de gênero na gestão dos Conselhos Regionais de Biblioteconomia no Brasil. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 15, n. esp. Melhores trabalhos CBBB, 2019.

LAMANTE, M. P. S. *et al.* A educação permanente e as práticas em saúde: concepções de uma equipe multiprofissional. **Revista Pesquisa Qualitativa**, São Paulo, v. 7, n.14, p. 230-244, ago. 2019.

LEFEVRE, A. M. C.; CRESTANA, M. F.; CORNETTO, V. K. A utilização da metodologia do discurso do sujeito coletivo na avaliação qualitativa dos cursos de especialização. **Saúde e Sociedade**, São Paulo, v. 12, n. 2, p. 68-75, jul-dez 2003.

LEFEVRE, F.; LEFEVRE, A. M. C. **O discurso do sujeito coletivo: um novo enfoque em pesquisa qualitativa**. Caxias do Sul: EduCS; 2003

MACHADO, E. C. Uma discussão acerca do conceito de biblioteca comunitária. **Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Campinas, v. 7, n. 1, p. 80-94, jul./dez. 2009.

MATHIESEN, K. Informational justice: a conceptual framework for social justice in library and information services. **Library Trends**, Baltimore, v. 64, n. 2, p. 198-225, 2015.

MIA, S. The role of community libraries in the alleviation of information poverty for sustainable development. **International Journal of Library and Information Science**, Japan, v. 12, n. 2., 2020.

MILANESI, L. A. **Ordenar para desordenar**. São Paulo: Brasiliense, 1989

OLIPHANT, T. Emerging (information) realities and epistemic injustice. **Journal of the Association for Information Science and Technology**, New York, v. 73, n. 2, 2021.

PETIT, M. **A arte de ler ou como resistir à adversidade**. São Paulo: Editora 34, 2010.

PEREIRA, J. T. Educação e sociedade da informação. In: COSCARELLI, C.; RIBEIRO, A. E. (org.). **Letramento digital: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas**. 3. ed. Belo Horizonte: Ceale: Autêntica, 2017.

PIAGET, J. **A construção do real na criança**. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

PINHEIRO, M. M. K.; BRITO, V. de P. Em busca do significado da desinformação. **DataGramZero**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 6, 2014.

POTNIS, D.; WINBERRY, J. Social innovations in public libraries: types and challenges. **The Library Quarterly**, College Park, v. 91, n. 3, p. 337-365, 2021.

REBELO, I. B.; STEMPLIUK, V. A. Observatório Brasileiro de Informações sobre Drogas (Obid): tecnologia para construção de portais. **Inclusão Social**, Brasília, v. 2, n. 1, p. 110-117, out. 2006/mar. 2007.

REBÊLO, P. Inclusão digital: o que é e a quem se destina. Webinsider, 2005. Disponível em: <https://webinsider.com.br/inclusao-digital-o-que-e-e-a-quem-se-destina/>. Acesso em: 21. jan. 2022.

RECUERO, R.; GRUZD, A. Cascatas de fake news políticas: um estudo de caso no Twitter. *Galáxia*, São Paulo, n. 41, p. 31-47, 2019.

RIPOLL, L., MATOS, J. C. O contexto informacional contemporâneo: o crescimento da desinformação e suas manifestações no ambiente digital. **Informação@Profissões**, Londrina, v. 9, n. 1, p. 87-107, 2020.

RODRIGUES, D. V. O papel da biblioteca no desenvolvimento local: uma perspectiva envolvendo a região do Distrito Jardim Helena em São Paulo. *In: SEMINÁRIO FUNDAÇÃO ESCOLA DE SOCIOLOGIA E POLÍTICA DE SÃO PAULO*, 7., 2019, São Paulo. **Anais...** São Paulo: FESPSP, 2019.

RODRIGUES, E. S. *et al.* Mediação na Biblioteca Paulo Coelho do Colégio Solar dos Meninos de Luz: relato de experiência. *In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO*, 28., 2019, Vitória. **Anais...** Vitória: CBB, 2019.

RODRIGUES, G. M.; SIMÃO, J. B.; ANDRADE, P. S. de. Sociedade da Informação no Brasil e em Portugal: um panorama dos Livros Verdes. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 32, n. 3, 2003.

SANTOS, J. V.. As possibilidades das metodologias informacionais nas práticas sociológicas: por um novo padrão de trabalho para os sociólogos do Século XXI. **Sociologias**, Porto Alegre, v. 3, n. 5, p. 116-148, jan/jun 2001.

SAVOLAINEN, R. Information behavior and information practice: reviewing the “umbrella concepts” of information-seeking studies. **Library Quarterly**, College Park, v. 77, n. 2, p. 109-132, 2007.

SCHIAVO, M. R.; MOREIRA, E. N. **Glossário social**. Rio de Janeiro: Comunicarte, 2005.

SILVA, C. G. C. **O bolsonarismo da esfera pública**: uma análise foucaultiana sobre os conceitos de pós-verdade, fake news e discurso de ódio presentes nas falas de Bolsonaro. 2020. 237 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Faculdade de Letras, Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2020.

SILVA, M. F. A. P.; FREIRE, G. H. A. Socialização da informação: possíveis contribuições de Paulo Freire à Ciência da Informação. **Pesq. Bras. em Ci. da Inf. e Bib.**, João Pessoa, v. 8, n. 2, p. 23-31, 2013.

SINTRA, M. C. D. **Fake news e a desinformação: perspetivar comportamentos e estratégias informacionais**. Dissertação (Mestrado em Gestão e Curadoria de Informação) - Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2019.

SOUZA, A. H. L.; AQUINO, M. S.; AMORIM, A. A concepção de educação para cidadania na educação de jovens e adultos: aspectos teóricos e práticos. **Revista Teias**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 46, p. 240-250, 2016.

SUAIDEN, E. J. **Biblioteca pública e informação à comunidade**. São Paulo: Global, 1995.

SUAIDEN, E. J. O papel da biblioteca pública na reconstrução da verdade. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 47, n. 2, 2018.

VALOURA, L. C. **Paulo Freire: o educador brasileiro autor do termo empoderamento em seu sentido transformador**. Instituto Paulo Freire, 2011. Disponível em: http://www.paulofreire.org/pub/Crpf/CrpfAcervo000120/Paulo_Freire_e_o_conceito_d_e_empoderamento.pdf. Acesso em: 21. jan. 2022.

APÊNDICE A - BIBLIOTECAS COMUNITÁRIAS QUE INTEGRAM A BEABAH

Biblioteca	Município	Contato
Ágatha Félix	Porto Alegre	@bibliotecaagathafelix
Alvo Cultural	Porto Alegre	@bibliotecaalvocultural
Aninha Peixoto	Porto Alegre	@bcaninhapeixoto
do Arvoredo	Porto Alegre	@bc_arvoredo
Ataíru	Assentamento Belo Monte, Eldorado do Sul	@bibliotecaatairu
Biblio Flor	Porto Alegre	@biblioflor
do Canella	Canela	@bibliotecadocanella
Circular	Esteio	@bccircular
Dilan Camargo	Canoas	@bibliotecacomundilancamargo
Girassol	Porto Alegre	@bibliogirassol
Luli Luz	Cidreira	@bibcomunitarialuliluz
Marginal Ilha do Saber	Porto Alegre	@biblioteca_marginal
Mestra Griot Sirley Amaro	Porto Alegre	@quilombodosopapo
Rene Depestre	Porto Alegre	@bibcomunitariarenedepestre
Sede da Partilha	Assentamento Apolônio de Carvalho, Eldorado do Sul	@sededepartilha
Sol e Lua	Cachoeirinha	@bcsolelua

APÊNDICE B - INSTRUMENTO DE PESQUISA



Prezade (a) (o),

Estou desenvolvendo uma dissertação de mestrado com intenção de identificar as práticas informacionais de combate a desinformação em Bibliotecas Comunitárias do Rio Grande do Sul. Você está sendo convidada(o) a participar desta pesquisa realizada por pesquisadores do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Informamos que sua participação é fundamental para o êxito da pesquisa, mas você é livre para participar ou não do estudo. Se você decidir não participar ou quiser desistir de continuar a qualquer momento, tem absoluta liberdade de fazê-lo. Na publicação dos resultados desta pesquisa, as identidades dos participantes serão mantidas no mais rigoroso sigilo.

Atenciosamente, Francine Conde Cabral (francine.conde@ufrgs.br) e Prof. Dr. Rodrigo Silva Caxias de Sousa (rodrigo.caxias@ufrgs.br).

1) Você ocupa cargos na rede Beabah?

- Sim. Qual (is)?
- Não

2) Você integra algum Grupo de Trabalho na rede Beabah?

- Sim. Qual (is)?
- Não

3) Como você se autodeclara sob a perspectiva de cor/etnia?

- Amarela
- Branca
- Indígena
- Parda
- Negra
- Outra. Qual?

4) Qual seu nível de formação?

- Ensino fundamental completo
- Ensino fundamental incompleto
- Ensino médio completo
- Ensino médio incompleto
- Ensino Superior completo
- Ensino Superior incompleto
- Pós-graduação completo
- Pós-graduação incompleto

5) Qual a sua faixa etária?

- Até 17 anos
- De 18 a 24 anos
- De 25 a 34 anos
- De 35 a 44 anos
- De 45 a 60 anos
- Acima de 60 anos

6) Qual sua identidade de gênero?

- Mulher cisgênera
- Homem cisgênero
- Mulher transgênera
- Homem transgênero
- Não binário
- Outro. Qual?_____.

7) Qual sua orientação sexual?

- Heterossexual
- Homossexual
- Bissexual
- Pansexual
- Assexual
- Outro. Qual?_____.

8) Qual sua compreensão acerca da informação como elemento de empoderamento da comunidade?**9) Qual o seu entendimento acerca do que se constitui como desinformação e suas variações (*fake news*, negacionismo, mentiras, ausência de informações, informações distorcidas)?****10) Na sua percepção, quais as implicações da desinformação na vida da comunidade?****11) Na sua percepção, qual a importância de se realizarem ações de combate a desinformação a partir das bibliotecas comunitárias?**

12) Para você, qual(is) a(s) razões que determinam a realização de ações de combate à desinformação?

13) Elenque as ações de combate à desinformação desenvolvidas na rede e/ou biblioteca onde você atua.

14) Considerando as funções que você desempenha, como foram desenvolvidas as ações de combate a desinformação na rede e/ou na biblioteca onde você atua.

15) Como você interpreta o papel do atual Governo brasileiro em relação ao combate à desinformação?